



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE,
SECRETARIADO EXECUTIVO E FINANÇAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

LETÍCIA VIVIAN DE SOUSA SILVA

A NOVA VOZ DO CAMPO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA JUVENTUDE
FEMININA NO AGRONEGÓCIO CEARENSE

FORTALEZA

2025

LETÍCIA VIVIAN DE SOUSA SILVA

A NOVA VOZ DO CAMPO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA JUVENTUDE
FEMININA NO AGRONEGÓCIO CEARENSE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giselle Cavalcante Queiroz

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S581n Silva, Letícia Vivian de Sousa.
A nova voz do campo : desafios e perspectivas da juventude feminina no agronegócio cearense / Letícia Vivian de Sousa Silva. – 2026.
74 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Administração, Fortaleza, 2026.
Orientação: Profa. Dra. Giselle Cavalcante Queiroz.

1. juventude feminina. 2. agronegócio. 3. gênero. 4. Ceará. I. Título.

CDD 658

LETÍCIA VIVIAN DE SOUSA SILVA

A NOVA VOZ DO CAMPO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA JUVENTUDE
FEMININA NO AGRONEGÓCIO CEARENSE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giselle Cavalcante Queiroz

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Giselle Cavalcante Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Márcia de Freitas Duarte
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a M.^a Valéria Araújo Furtado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todas as mulheres do agro cearense, que, por meio de sua atuação cotidiana, força e compromisso, inspiraram este trabalho e contribuem para a construção de um campo mais diverso, justo e representativo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser presença constante ao longo de toda a minha trajetória, sustentando-me nos momentos de cansaço, incerteza e desafios.

À minha mãe, Andréa, por ter feito de tudo para proporcionar uma educação de qualidade para mim e meus irmãos. Seu esforço, dedicação e amor incondicional sempre buscaram nos oferecer aquilo que muitas vezes lhe foi negado, sendo base de quem me tornei.

Aos meus irmãos, Glendha e João, pelo companheirismo, apoio e compreensão ao longo dessa caminhada, sendo presença constante mesmo nos momentos mais silenciosos e desafiadores.

Ao meu companheiro, Ari, pelo cuidado, incentivo diário e, sobretudo, pela compreensão nos momentos em que precisei dizer não a instantes compartilhados para me dedicar à realização deste estudo, tornando o percurso mais leve e possível.

Ao meu dindo, Théo, meu afilhado, pelo carinho, pela presença e pelos momentos de afeto que trouxeram leveza, motivação e sentido aos dias mais intensos dessa trajetória.

Aos amigos e amigas da vida, da faculdade e do trabalho, que caminharam comigo em diferentes momentos dessa trajetória, oferecendo apoio, incentivo e presença. Em especial, a Henrique Maia, cuja influência foi determinante para que eu enxergasse na Administração um caminho possível. Seu incentivo foi fundamental para que eu desse os primeiros passos nessa escolha, que hoje se concretiza na conclusão deste curso.

Às respondentes desta pesquisa, pela generosidade e confiança em compartilhar suas trajetórias, vivências e percepções. Suas vozes foram essenciais para a construção deste trabalho e para a compreensão das múltiplas realidades que compõem o agronegócio cearense.

À minha orientadora, professora Giselle, pela disponibilidade, pelas contribuições teóricas e metodológicas e pela condução cuidadosa ao longo deste estudo, fundamentais para o amadurecimento da pesquisa e para a consolidação dos resultados apresentados.

À banca examinadora, composta pelas professoras Márcia Duarte e Valéria Furtado, pela leitura atenta, pelas considerações e sugestões, que enriqueceram este trabalho e contribuíram de forma para seu aprimoramento acadêmico.

Por fim, à Universidade Federal do Ceará e aos professores do curso de Administração, que contribuíram para minha formação acadêmica e para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

O debate sobre juventude, gênero e agronegócio tem ganhado relevância ao evidenciar as transformações nas dinâmicas produtivas, sociais e identitárias no meio rural, especialmente no que se refere à crescente inserção e atuação das mulheres jovens no setor. Nesse contexto, o presente estudo analisa o perfil, os desafios e as perspectivas da juventude feminina inserida no agronegócio cearense. O objetivo geral foi compreender como as jovens mulheres se inserem e atuam no agronegócio cearense, considerando os desafios e as perspectivas de futuro no setor. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com doze jovens mulheres, com idades entre 18 e 29 anos, atuantes em diferentes áreas do agronegócio no estado do Ceará. A análise dos dados foi conduzida a partir da técnica de análise de conteúdo, organizada em três eixos centrais: inserção e atuação, desafios e barreiras, e incentivos e perspectivas de futuro. Os resultados evidenciam trajetórias plurais de inserção, marcadas pela formação acadêmica, tradição familiar e oportunidades institucionais, bem como a presença de desigualdades de gênero e geração, expressas em processos de deslegitimação profissional, sobrecarga de funções e situações de assédio. Apesar desses desafios, as jovens demonstram forte engajamento, protagonismo e projetos de permanência e crescimento no agronegócio, contribuindo para a renovação e ressignificação do setor no contexto cearense.

Palavras-chave: juventude feminina; agronegócio; gênero; Ceará.

ABSTRACT

The debate on youth, gender and agribusiness has gained relevance by highlighting the transformations in the productive, social and identity dynamics in rural areas, especially with regard to the growing insertion and performance of young women in the sector. In this context, the present study analyzes the profile, challenges and perspectives of female youth inserted in agribusiness in Ceará, Brazil. The general objective was to understand how young women insert themselves and act in agribusiness in Ceará, considering the challenges and future prospects in the sector. This is a qualitative, exploratory and descriptive research, carried out through semi-structured interviews with twelve young women, aged between 18 and 29 years, working in different areas of agribusiness in the state of Ceará. The data analysis was conducted using the content analysis technique, organized into three central axes: insertion and performance, challenges and barriers, and incentives and future perspectives. The results show plural trajectories of insertion, marked by academic training, family tradition and institutional opportunities, as well as the presence of gender and generational inequalities, expressed in processes of professional delegitimization, overload of functions and situations of harassment. Despite these challenges, young women demonstrate strong engagement, protagonism and projects of permanence and growth in agribusiness, contributing to the renewal and resignification of the sector in the context of Ceará.

Keywords: young women; agribusiness; gender; Ceará.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica e profissional das participantes.....	27
Quadro 2 – Informações do corpus analisado.....	29
Quadro 3 – Inserção das jovens mulheres no agronegócio.....	32
Quadro 4 – Atuação das jovens mulheres no agronegócio.....	34
Quadro 5 – Desafios enfrentados pelas jovens mulheres no agronegócio.....	36
Quadro 6 – Barreiras enfrentadas pelas jovens mulheres no agronegócio.....	39
Quadro 7 – Motivações das jovens mulheres para permanecer no agronegócio.....	41
Quadro 8 – Incentivos à permanência das jovens mulheres no agronegócio.....	43
Quadro 9 – Perspectivas de futuro das jovens mulheres no agronegócio.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANMTR	Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
CAF	Cadastro da Agricultura Familiar
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
CPF	Cadastro de Pessoas Físicas
EJ	Estatuto da Juventude
EMATERCE	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará
ESALQ	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
FAEC	Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
ONG	Organização Não Governamental
PNCF	Programa Nacional de Crédito Fundiário
POPMR	Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais
PRONACAMPO	Programa Nacional de Educação no Campo
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SDA	Secretaria do Desenvolvimento Agrário do Ceará
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 A mulher no agronegócio: breve panorama histórico.....	13
2.2 Juventude feminina rural e inserção no agronegócio.....	16
2.3 Desafios e barreiras das mulheres jovens no setor agropecuário.....	19
2.4 Incentivos, sucessão e perspectivas de futuro no agro.....	22
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4.1 Inserção e atuação das jovens mulheres no agronegócio.....	31
4.2 Desafios e barreiras enfrentadas.....	36
4.3 Incentivos e perspectivas de futuro	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	56
APÊNDICE B – QUADRO DA CATEGORIA INSERÇÃO DAS JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO.....	58
APÊNDICE C – QUADRO DA CATEGORIA ATUAÇÃO DAS JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO.....	60
APÊNDICE D – QUADRO DA CATEGORIA DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO.....	62
APÊNDICE E – QUADRO DA CATEGORIA BARREIRAS ENFRENTADAS PELAS JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO.....	65
APÊNDICE F – QUADRO DA CATEGORIA MOTIVAÇÕES DAS JOVENS MULHERES PARA PERMANECER NO AGRONEGÓCIO.....	68
APÊNDICE G – QUADRO DA CATEGORIA INCENTIVOS À PERMANÊNCIA DAS JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO.....	71
APÊNDICE H – QUADRO DA CATEGORIA PERSPECTIVAS DE FUTURO DAS JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO.....	73

1 INTRODUÇÃO

O agronegócio brasileiro constitui um dos principais pilares da economia nacional, responsável por significativa parcela do Produto Interno Bruto (PIB) e por colocar o país entre os maiores exportadores de alimentos do mundo (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, 2022). No contexto regional, o Ceará tem apresentado crescente dinamismo em cadeias produtivas como fruticultura irrigada, pecuária de leite, mel, ovinocaprinocultura e horticultura, atividades que vêm impulsionando a economia local e promovendo a interiorização do desenvolvimento (MAPA, 2025). O setor agropecuário cearense também tem se destacado pela ampliação de políticas de assistência técnica, capacitação e empreendedorismo rural, o que tem favorecido a formação de novas lideranças no campo, especialmente entre jovens e mulheres (Secretaria do Desenvolvimento Agrário do Ceará - SDA, 2020).

Nesse cenário, a participação da juventude rural revela-se fundamental para a continuidade da sucessão familiar, a introdução de práticas inovadoras e a sustentabilidade das atividades produtivas (Abramovay *et al.*, 1998). Entre esses jovens, as mulheres têm assumido papel cada vez mais expressivo, participando da gestão de propriedades, cooperativas, sindicatos e associações, além de se inserirem em espaços de formação e representação setorial. Essa presença feminina e jovem simboliza um movimento de renovação geracional e transformação social no campo, refletindo o avanço de novas perspectivas sobre o papel da mulher no agronegócio (Carneiro, 2007; Brumer, 2004).

De acordo com dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (CEPEA/ESALQ/USP, 2023), as mulheres representam cerca de 31% da força de trabalho do agronegócio brasileiro, percentual ainda inferior à média nacional de participação feminina no mercado de trabalho, que é de 43%. Embora as estatísticas oficiais não apresentem recortes específicos sobre a presença das jovens mulheres no agro, observa-se que a inserção feminina como um todo tem crescido gradualmente, acompanhada de maior escolaridade, qualificação técnica e participação em funções de gestão e empreendedorismo.

No Ceará, o cenário segue a mesma tendência. Segundo a Secretaria do Desenvolvimento Agrário do Ceará (SDA, 2020), das 297.800 pessoas envolvidas na agricultura familiar, aproximadamente 59.700 são mulheres, o que corresponde a 20,1% dos produtores familiares do estado. Esses números, ainda que não detalhem a participação específica de jovens, reforçam a relevância das mulheres na manutenção e modernização das

atividades agropecuárias e evidenciam a necessidade de ampliar políticas e ações que promovam sua inserção, permanência e reconhecimento no setor.

A inserção feminina no agropecuário ainda se dá de forma desigual, permeada por barreiras de gênero, etárias e estruturais. Estudos apontam que as mulheres enfrentam maiores dificuldades de acesso à terra, crédito, qualificação e reconhecimento profissional, o que impacta diretamente suas oportunidades de liderança e tomada de decisão (Bourdieu, 2002; Bruschini, 2007). Ao mesmo tempo, pesquisas sobre comportamento organizacional e gestão de pessoas destacam que as mulheres jovens trazem consigo competências e perspectivas inovadoras, associadas à diversidade, à cooperação e à visão sustentável do trabalho no campo (Chiavenato, 2014; Fleury; Fleury, 2001).

Além das barreiras de acesso e reconhecimento, essas desigualdades impactam diretamente as perspectivas de permanência, ascensão profissional e construção de projetos de futuro das jovens mulheres no agronegócio. A literatura aponta que a dificuldade de legitimação das competências femininas, a sobrecarga de funções produtivas e reprodutivas e a vivência de contextos marcados por desvalorização simbólica e assédio tendem a limitar oportunidades de liderança e continuidade no setor (Brumer, 2004; Bruschini, 2007). Por outro lado, estudos sobre juventude rural e gestão de pessoas indicam que, quando inseridas em ambientes institucionais favoráveis, com acesso a redes de apoio, políticas públicas e espaços de formação, as jovens mulheres desenvolvem estratégias de resistência, protagonismo e inovação, resignificando sua atuação no campo e projetando trajetórias de crescimento, autonomia e transformação social (Abramovay *et al.*, 1998; Fleury; Fleury, 2001; Chiavenato, 2014).

No caso do Ceará, essa discussão adquire relevância especial. O estado enfrenta desafios históricos ligados à convivência com o semiárido, à modernização produtiva e à necessidade de formação de novas lideranças rurais, capazes de integrar conhecimento técnico, visão empreendedora e sensibilidade social (SDA, 2020; IPECE, 2023). Nesse contexto, compreender o papel das jovens mulheres cearenses no agronegócio permite lançar luz sobre uma dimensão ainda pouco explorada — a da juventude feminina que atua, lidera e transforma as realidades do campo.

Diante desse cenário, formula-se a seguinte questão de pesquisa: como as jovens mulheres se inserem e atuam no agronegócio cearense, diante dos desafios e das perspectivas de futuro no setor? O objetivo geral desta pesquisa é compreender como as jovens mulheres se inserem e atuam no agronegócio cearense, considerando os desafios e as perspectivas de futuro no setor. Além disso, os objetivos específicos são: (i) Compreender a inserção e a atuação das jovens mulheres no agronegócio cearense; (ii) Identificar os desafios e barreiras enfrentados

por mulheres jovens na sua inserção e atuação no agronegócio; (iii) Investigar os fatores de incentivo e os projetos e perspectivas de futuro das jovens mulheres no agronegócio.

A relevância deste estudo justifica-se por três dimensões principais: social, econômica e acadêmica. Na dimensão social, contribui para o fortalecimento da representatividade feminina e juvenil no campo, evidenciando histórias e trajetórias que rompem estereótipos de gênero e valorizam novas formas de atuação e liderança. Na dimensão econômica, o estudo destaca o papel das jovens mulheres como agentes de inovação, sustentabilidade e continuidade das atividades rurais, ressaltando sua importância para o desenvolvimento do agronegócio cearense. Já na dimensão acadêmica, esta pesquisa busca preencher uma lacuna identificada na literatura: embora existam estudos consolidados sobre a mulher no agronegócio (Brumer, 2004; Siliprandi, 2015; Bruschini, 2007; Rigo *et al.*, 2025; Beltramini *et al.*, 2022) e sobre a juventude rural, são escassos os trabalhos que abordam especificamente o cruzamento entre essas duas dimensões — a juventude feminina no agronegócio, sobretudo em contextos regionais no Nordeste (Abramovay *et al.*, 1998; Carneiro, 2007; Schneider, 2016; Pizzinato *et al.*, 2017; Breitenbach, 2024). Assim, o presente trabalho pretende contribuir para o avanço das discussões sobre gênero, juventude e desenvolvimento rural sob a perspectiva cearense.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com jovens mulheres atuantes no agronegócio cearense, buscando compreender suas experiências, desafios e perspectivas. A análise foi conduzida a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2016), organizada em torno dos três eixos centrais da pesquisa: inserção e atuação, desafios e barreiras, incentivos e perspectivas de futuro.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro apresenta a introdução, com a contextualização do tema, a formulação do problema, a hipótese, os objetivos e a justificativa. O segundo capítulo compreende o referencial teórico, abordando estudos e conceitos relacionados à participação da mulher no agronegócio, ao protagonismo juvenil, aos desafios enfrentados e às perspectivas de futuro. O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. O quarto capítulo apresenta e discute os resultados obtidos à luz da literatura. Por fim, o quinto capítulo reúne as conclusões, destacando as contribuições do estudo, limitações e sugestões para trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, reunindo estudos e discussões que permitem compreender a participação da juventude feminina no agronegócio cearense. O objetivo é estabelecer um diálogo entre diferentes perspectivas acadêmicas e institucionais, de forma a construir as bases conceituais claras para a análise proposta.

A revisão está organizada em quatro eixos principais. Primeiro, trata da trajetória da mulher no agronegócio e dos aspectos históricos e sociais de sua inserção. Em seguida, discute-se a juventude rural e o protagonismo no campo, enfatizando a importância das novas gerações para a continuidade da atividade agropecuária. Posteriormente, são explorados os desafios enfrentados pelas mulheres, com ênfase nas barreiras de gênero e nas desigualdades estruturais. Por fim, discutem-se os fatores de incentivo e as perspectivas de futuro para a juventude feminina no campo, considerando oportunidades de inovação, empreendedorismo e representatividade.

Sob essa perspectiva, embora haja produções recentes sobre gênero, juventude e dinâmicas rurais, parte relevante da literatura que sustenta este estudo se ancora em autores clássicos e consolidados, responsáveis por estruturar o debate sobre trabalho, desigualdades e relações de poder no meio rural. Além disso, observa-se que ainda são relativamente escassos os estudos publicados nos últimos anos que abordem, de forma específica, o cruzamento entre juventude feminina e agronegócio em contextos regionais do Nordeste. Assim, o referencial combina contribuições clássicas e contemporâneas, buscando assegurar consistência teórica e aderência ao objetivo investigado.

2.1 A mulher no agronegócio: breve panorama histórico

A presença das mulheres no meio rural é antiga e essencial, embora por muito tempo tenha sido invisibilizada pelos discursos oficiais e pelas estatísticas agrícolas (Brumer, 2004; Deere; León, 2002; Siliprandi, 2015; Carneiro, 2007). Durante grande parte do século XX, elas foram retratadas como figuras de apoio, esposas, filhas ou auxiliares, e não como trabalhadoras plenas ou produtoras rurais. Brumer (2004) explica que essa invisibilidade não foi acidental. Ela decorre de uma visão patriarcal que desvalorizou o trabalho realizado pelas mulheres no campo, classificando suas atividades como “ajuda”, mesmo quando constituíam parte essencial da produção familiar.

Essa desvalorização está diretamente ligada à divisão sexual do trabalho, estrutura que, segundo Deere e León (2002), organizou historicamente a produção rural em torno de

papéis de gênero: aos homens, as tarefas consideradas produtivas e vinculadas à renda, às mulheres, as funções reprodutivas e domésticas, voltadas ao cuidado da família e ao suporte das atividades agrícolas. Essa lógica contribuiu para restringir o acesso feminino à terra, ao crédito, à assistência técnica e à participação em instâncias de decisão, perpetuando desigualdades materiais e simbólicas no meio rural.

A partir da década de 1980, com a redemocratização e o fortalecimento dos movimentos sociais, as mulheres rurais passaram a reivindicar reconhecimento político e econômico. A criação da Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR) e a consolidação da Marcha das Margaridas, desde 2000, simbolizaram essa virada histórica (Siliprandi, 2015; Paulilo, 2015). A inclusão da pauta de gênero em políticas públicas, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF Mulher), o Programa Mulher e Cidadania e o Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais (POPMPR), representou avanços significativos no reconhecimento das mulheres como produtoras e empreendedoras rurais (Carneiro, 1998; Siliprandi, 2015).

Esses processos marcaram a transição da figura da mulher “ajudante” para a da trabalhadora e gestora rural. Cada vez mais, elas passaram a ocupar espaços de decisão em associações, cooperativas e conselhos locais. Carneiro (2007) e Paulilo (2015) destacam que essa mobilização redefiniu o significado da identidade da mulher rural, não apenas como força de trabalho, mas como sujeito político e portadora de saberes sobre sustentabilidade, agroecologia e economia solidária. Nessa perspectiva, autoras como Aroeira (2025) observa que o protagonismo feminino no agro contemporâneo está também associado à diversificação produtiva e à inovação social, em especial nas cadeias curtas de comercialização, nas agroindústrias familiares e em iniciativas coletivas de mulheres.

Mesmo assim, as desigualdades de gênero persistem. Bourdieu (2002), ao discutir o conceito de dominação simbólica, explica que as estruturas sociais tendem a reproduzir hierarquias de poder, legitimando padrões de masculinidade e naturalizando a subordinação feminina. No contexto do agronegócio, isso se manifesta na baixa presença de mulheres em cargos técnicos, gerenciais e representativos, bem como na persistência de estereótipos que associam a competência e a autoridade ao universo masculino (Bruschini, 2007). Hirata e Kergoat (2007) reforça que a inserção das mulheres no mercado de trabalho, inclusive no rural, se dá de forma desigual, com concentração em funções de menor prestígio e remuneração, além da sobrecarga de responsabilidades domésticas.

Nos últimos anos, esse cenário tem se transformado. O acesso ampliado à educação, à formação técnica e às redes de empreendedorismo feminino tem estimulado uma nova geração

de mulheres rurais. Elas transitam entre tradição e modernidade, articulando práticas produtivas com gestão, tecnologia e liderança social (Aroeira, 2025). Estudos como os de Beltramini *et al.* (2022) apontam que a presença crescente de mulheres jovens e qualificadas no agro está transformando as dinâmicas de sucessão familiar e gestão das propriedades, impulsionando modelos de produção mais sustentáveis e participativos. Carneiro (2007) destacam que as jovens rurais têm buscado novas formas de pertencimento e protagonismo, articulando o legado familiar à inovação e à gestão compartilhada.

Essas transformações indicam avanços importantes no reconhecimento da mulher rural como produtora, gestora e líder. Ainda assim, persistem desafios, principalmente para as mulheres jovens, que enfrentam ao mesmo tempo as desigualdades de gênero e a necessidade de afirmar sua legitimidade (Hirata; Kergoat, 2007).

De acordo com dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017), aproximadamente 18,6% dos estabelecimentos agropecuários brasileiros são dirigidos por mulheres, percentual que vem crescendo de forma gradual nas últimas décadas. No Ceará, essa presença é ainda mais expressiva em cadeias produtivas familiares e na agroindústria artesanal, o que reforça o papel das mulheres como mantenedoras da economia rural e da segurança alimentar.

É importante reconhecer, contudo, que esses avanços não ocorrem de maneira homogênea. Autoras como Hirata e Kergoat (2007) e Crenshaw (1991) destacam a necessidade de compreender a experiência das mulheres rurais sob a perspectiva da interseccionalidade, considerando como gênero, classe social, raça e território se entrecruzam na configuração das desigualdades. No Nordeste, por exemplo, as limitações de infraestrutura e de acesso a políticas públicas tornam as conquistas mais lentas e desiguais, reforçando a necessidade de políticas sensíveis à diversidade social e de gênero (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2022; SDA, 2020; IPECE, 2023).

Além das transformações sociopolíticas, políticas públicas como o PRONAF Mulher, criado em 2003, e o Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais, de 2008, foram decisivas para promover a autonomia econômica e o reconhecimento institucional da mulher do campo. Essas iniciativas representam marcos no processo de valorização do trabalho feminino, pois ampliaram o acesso ao crédito, à capacitação e à titularidade da terra, fortalecendo o papel das mulheres como protagonistas do desenvolvimento rural sustentável.

O percurso histórico da mulher no campo mostra que a conquista de espaços produtivos e políticos não se deu de forma linear, mas como resultado de disputas, resistências e reconfigurações sociais. Essa trajetória, marcada por permanências e rupturas, ajuda a compreender como o protagonismo feminino se tornou elemento central na construção de um

agronegócio mais inclusivo, e como, no Ceará, as jovens herdam esse legado e o transformam em novas formas de atuação e liderança.

2.2 Juventude feminina rural e inserção no agronegócio

Observa-se que, nas últimas décadas, um novo grupo tem ganhado visibilidade nas dinâmicas rurais: as jovens mulheres rurais. Essas jovens representam uma geração marcada pela ampliação do acesso à educação, pela participação crescente em programas de formação técnica e pelo desejo de redefinir o papel feminino no meio rural (Abramovay *et al.*, 1998; Carneiro, 2007; Troian; Breitenbach, 2018). Segundo Abramovay *et al.* (1998), o protagonismo juvenil é essencial para a renovação do setor agrícola, e, no caso das mulheres, esse protagonismo adquire contornos específicos, por envolver o enfrentamento simultâneo de barreiras de gênero e de idade.

A literatura sobre juventude rural evidencia que o conceito de juventude não se restringe a uma faixa etária, mas abrange uma condição social, simbólica e cultural (Troian; Breitenbach, 2018). Essa categoria é dinâmica e se manifesta de formas diversas, dependendo do contexto regional e das oportunidades de inserção produtiva. No campo, a juventude feminina é atravessada por especificidades históricas e culturais: além da condição que limita seu acesso à terra, à renda, à tecnologia e aos espaços de decisão (Brumer, 2004; Deere; León, 2002).

Troian e Breitenbach (2018) ressaltam que não existe uma juventude rural única. Há várias juventudes, moldadas por trajetórias diferentes. No Nordeste, por exemplo, estudos de Troian e Breitenbach (2018) e Brumer (2004) demonstram que muitas jovens conciliam o trabalho agrícola com atividades de comércio, artesanato, agroindústria ou serviços, construindo trajetórias híbridas entre o rural e o urbano. Essa dinâmica, também observada em análises do IPEA (2022), reflete uma forma de pluriatividade típica das novas gerações rurais, nas quais as mulheres desempenham múltiplos papéis produtivos como estratégia de autonomia e permanência no campo. Essa diversidade de experiências evidencia que o protagonismo feminino rural se manifesta de maneiras múltiplas, nem sempre ligadas exclusivamente à agricultura, mas à capacidade de adaptação, inovação e ressignificação do espaço rural.

A presença feminina no agronegócio contemporâneo se diferencia da vivência das gerações anteriores. Carneiro (2007) observa que as jovens rurais atuais vivenciam uma tensão entre tradição e modernidade: de um lado, herdam identidades construídas pelas mães e avós, fortemente ligadas ao cuidado, à família e à produção doméstica; de outro, buscam autonomia, reconhecimento profissional, espaço de decisão em cadeias produtivas cada vez mais

tecnificadas e competitivas. Essa busca traduz um processo de reconstrução identitária, em que ser mulher do campo deixa de significar subordinação e passa a representar resistência, inovação e pertencimento.

Essa reconstrução também se vincula ao que Berlato *et al.* (2023) chamam de processo de tornar-se mulher no agronegócio. As autoras apontam que a inserção feminina neste setor exige constante afirmação de legitimidade e competência em um ambiente ainda permeado por padrões masculinos de conduta e autoridade. Assim, a mulher jovem precisa não apenas ocupar o espaço produtivo, mas redefinir os significados de ser mulher no agro, negociando diariamente entre as expectativas sociais e o desejo de autonomia.

Apesar dos avanços, a inserção das jovens no agronegócio ainda é permeada por desigualdades estruturais e simbólicas. Troian e Breitenbach (2018), ao revisarem estudos sobre juventude rural, observam que as moças tendem a deixar o campo antes e em maior proporção que os rapazes, um processo que, conforme Brumer (2004), contribui para a chamada ‘masculinização do meio rural’, marcada pela concentração masculina nas atividades agrícolas e pela migração feminina para as cidades.

Esse êxodo feminino está relacionado à escassez de oportunidades educacionais e profissionais, ao baixo reconhecimento do trabalho feminino e às dificuldades de acesso à terra. Para muitas famílias, o trabalho agrícola ainda é concebido como atividade masculina, enquanto as mulheres são incentivadas a buscar ocupações urbanas. Nesse contexto, o reconhecimento das jovens como protagonistas do desenvolvimento rural torna-se uma condição essencial para reverter a evasão e promover novas formas de permanência e protagonismo.

Dados do IPECE (2023) mostram que, no Ceará, a participação das mulheres em programas de capacitação rural cresceu cerca de 42% entre 2018 e 2022, com destaque para os cursos técnicos voltados à agroindústria e à gestão rural. Esse dado reforça a tendência de que as jovens do campo estão mais qualificadas e dispostas a permanecer no setor, desde que encontrem reconhecimento e oportunidades concretas de atuação.

A decisão de permanecer ou deixar o campo envolve múltiplos fatores: econômicos, afetivos e simbólicos. Segundo Abramovay *et al.* (1998), entre os jovens rurais, as escolhas estão profundamente relacionadas à percepção de futuro e à valorização social das atividades agrícolas. Para as mulheres, essa decisão é ainda mais complexa, pois implica romper estereótipos e redefinir seu papel dentro da família e da comunidade. Aquelas que optam por permanecer no meio rural frequentemente associam essa escolha à autonomia, à sustentabilidade e à continuidade ao legado familiar, sob uma lógica ressignificada de gestão, profissionalização e inovação, conforme discutido por Brumer (2004) e Carneiro (2007).

O processo de construção da identidade dessas jovens é, portanto, simultaneamente social e político (Abramovay *et al.*, 1998). Como observam Monteiro e Mujica (2022), a sucessão rural está relacionada não apenas à transmissão de patrimônio, mas envolve o compartilhamento de saberes, valores e vínculos simbólicos. No caso das mulheres, essa sucessão é duplamente significativa: geracional e de gênero, pois implica ocupar espaços historicamente negados e reconstruir a legitimidade de sua presença como gestoras, produtoras e líderes. Brumer (2004) e Carneiro (2007) acrescentam que essa dimensão simbólica da sucessão revela a capacidade das jovens de conciliar herança e inovação, transformando o campo em um espaço de continuidade, mas também de reinvenção.

Essas transformações têm sido impulsionadas pela ampliação de políticas públicas e programas voltados à juventude e à capacitação feminina. A criação de iniciativas como o PRONAF Jovem e o Programa Nacional de Educação do campo (PRONACAMPO) representou importantes avanços ao reconhecer a juventude rural como sujeito de direitos e desenvolvimento, conforme discutem Abramovay *et al.* (1998) e Carneiro (2007). No mesmo sentido, o Programa CNA Jovem, desenvolvido pela CNA e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), destaca-se como um espaço de formação de lideranças e estímulo à inovação no setor agropecuário. O programa identifica e capacita jovens de todas as regiões do país para o exercício da liderança rural, contribuindo diretamente para o empoderamento feminino e o fortalecimento de uma nova geração de gestoras e empreendedoras rurais (CNA, 2023).

Além das políticas públicas, observa-se o crescimento de formas contemporâneas de inserção produtiva e comunicacional entre as jovens rurais. O acesso à internet e o uso de redes sociais têm possibilitado novas formas de empreendedorismo e visibilidade, com mulheres promovendo seus produtos, compartilhando práticas agroecológicas e articulando redes de apoio digital. Pesquisas da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2021) e do SEBRAE (2023) apontam que essas ferramentas têm se tornado fundamentais para ampliar a inserção econômica das mulheres do campo, sobretudo entre as mais jovens, ao fortalecer o sentimento de pertencimento e reduzir o isolamento histórico das comunidades rurais.

A diversidade de atuação das jovens rurais no agronegócio também é notável. Elas estão presentes na gestão de propriedades familiares, em funções técnicas e administrativas, em cooperativas, associações e no empreendedorismo rural. Muitas têm desenvolvido produtos agroindustriais e marcas próprias voltadas a nichos de mercado sustentáveis e de valor agregado (Breitenbach, 2024). Essas iniciativas refletem a capacidade das mulheres jovens de associar

tradição e modernização tecnológica, consolidando uma presença inovadora e estratégica no setor.

Além do aspecto produtivo, a permanência no campo é frequentemente sustentada por valores simbólicos, como o sentimento de pertencimento e identidade. Pizzinato *et al.* (2017) destacam que o vínculo com a terra vai além da renda: representa continuidade, liberdade e compromisso com a comunidade. Em muitos casos, a pluralidade, combinação entre agricultura, agroindústria e atividades de serviços, torna-se estratégia fundamental para viabilizar essa permanência e garantir autonomia econômica e social.

Essas experiências individuais são reforçadas por redes coletivas de apoio e representatividade. No cenário nacional, a Comissão Nacional das Mulheres do Agro, criada pela CNA, tem como objetivo ampliar a participação das mulheres no Sistema Sindical e desenvolver sua capacidade de liderança no setor agropecuário, articulando ações transversais com as demais áreas da entidade (CNA, 2025). No Ceará, a Comissão Estadual de Mulheres do Agro, vinculada à Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará (FAEC), também desempenha papel relevante nesse processo, atuando na valorização, formação e visibilidade das produtoras rurais cearenses.

Por meio de sua página oficial nas redes sociais, a comissão divulga ações de capacitação, intercâmbio e incentivo à liderança feminina, reforçando o compromisso com o protagonismo das mulheres no campo (FAEC, 2025). Essas iniciativas evidenciam que o protagonismo das mulheres no campo é sustentado por estruturas de cooperação e comunicação que ampliam a representatividade e fortalecem a identidade feminina no agro.

Como observa Aroeira (2025), o protagonismo das mulheres rurais emerge justamente em contextos de desigualdade e inovação, nos quais as jovens conciliam “botina e batom” como símbolos de resistência, competência técnica e valorização da identidade feminina no agro. Essa síntese entre força e sensibilidade traduz uma nova forma de liderança rural, que incorpora valores de cuidado, sustentabilidade e colaboração.

2.3 Desafios e barreiras das mulheres jovens no setor agropecuário

Embora a inserção feminina jovem no agronegócio represente um avanço importante em termos de representatividade e renovação do setor, a trajetória dessas mulheres ainda é marcada por barreiras contemporâneas que se manifestam tanto nas estruturas organizacionais quanto nas relações sociais cotidianas. A desigualdade de gênero, antes associada à invisibilidade do trabalho feminino nas unidades produtivas familiares, hoje se expressa por meio de novas formas de exclusão simbólica e institucional, como a dificuldade

de ascensão a cargos estratégicos, o preconceito velado e a sobrecarga de papéis sociais (Bourdieu, 2002; Bruschini, 2007; Beltramini *et al.*, 2022; Rigo *et al.*, 2025).

As transformações do agronegócio nas últimas décadas, marcadas pelo aumento da mecanização, da competitividade e da profissionalização, nem sempre foram acompanhadas por mudanças equivalentes nas estruturas de poder e gestão, que permanecem fortemente atravessadas por hierarquias de gênero. Nesse contexto, Brumer (2004) e Siliprandi (2015) demonstram que, mesmo diante da ampliação da qualificação feminina no meio rural, persistem modelos masculinos de autoridade que dificultam o reconhecimento pleno das mulheres. Assim, mesmo quando qualificadas e experientes, muitas mulheres jovens enfrentam barreiras simbólicas de credibilidade e legitimidade profissional, sendo frequentemente levadas a provar continuamente sua competência técnica e capacidade de liderança, fenômeno que dialoga com a noção de dominação simbólica discutida por Bourdieu (2002).

Estudos como o de Rigo *et al.* (2025) apontam que as mulheres inseridas no mercado de trabalho do agronegócio enfrentam um duplo desafio: conquistar espaço em um setor historicamente masculino e, ao mesmo tempo, conciliar as exigências da vida pessoal com o desempenho profissional. A cultura da produtividade e o ritmo intenso das atividades rurais acentuam essas tensões, especialmente para as mulheres jovens, que ainda lutam para afirmar sua voz e autoridade em ambientes majoritariamente compostos por homens mais velhos.

Esses desafios evidenciam que, embora o discurso da igualdade de gênero tenha ganhado espaço, a prática cotidiana ainda revela limites simbólicos e institucionais que condicionam a presença feminina no agronegócio contemporâneo. Conforme observam Beltramini *et al.* (2022), o chamado “teto de vidro” no setor não é apenas um obstáculo profissional, mas um reflexo de uma cultura organizacional que continua a associar liderança, racionalidade e eficiência ao universo masculino, o que reforça desigualdades de percepção e oportunidades entre homens e mulheres.

Esse fenômeno também é identificado por Bourdieu (2002) e Brumer (2004) ao analisar as mulheres no mercado de trabalho agrícola sob a ótica das relações de poder e da divisão sexual do trabalho. Esses autores evidenciam que, mesmo quando ocupam posições estratégicas, as mulheres sofrem descrédito institucional, invisibilidade e violência simbólica, sendo frequentemente submetidas a avaliações mais rigorosas que os homens em funções equivalentes. Além disso, Siliprandi (2015) destaca a ausência de infraestrutura adequada e o assédio moral e sexual como fatores que dificultam a permanência e a ascensão das profissionais no campo, sobretudo das mais jovens, cuja autoridade ainda é constantemente questionada.

A dificuldade de ascensão é acentuada no caso das mulheres jovens, que enfrentam uma dupla deslegitimação: por gênero e por idade. Segundo Carneiro (2007), as estruturas produtivas tradicionais legitimam o poder masculino adulto, relegando às mulheres jovens um papel secundário nas decisões e na gestão das propriedades. Essa condição é intensificada pela falta de reconhecimento institucional e pela persistência de estereótipos sociais, que associam juventude à inexperiência e liderança à figura masculina. Nesse mesmo sentido, Dias (2008) mostra que a liderança feminina em espaços rurais é frequentemente vista como “ajuda” ou extensão do trabalho doméstico, e não como uma função de gestão plena, o que limita o reconhecimento das mulheres como produtoras e empreendedoras.

Além das dimensões institucionais e simbólicas, há também barreiras territoriais e tecnológicas que impactam diretamente a atuação das jovens rurais. Estudos do IPEA (2022) e da FAO (2019) apontam que o acesso desigual à infraestrutura, à internet e à mecanização agrícola limita a competitividade e o desenvolvimento das propriedades lideradas por mulheres, sobretudo nas regiões semiáridas do Nordeste. Essas desigualdades materiais, associadas às restrições culturais e de gênero, resultam em um quadro de exclusão múltipla, em que as jovens enfrentam simultaneamente desafios de ordem técnica, econômica e simbólica.

No caso cearense, tais limitações são ainda mais evidentes em municípios de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), onde a distância entre o espaço produtivo e o acesso a tecnologias básicas reforça a dependência das jovens em relação às estruturas familiares e comunitárias (IPECE, 2023). Essa realidade impacta não apenas as oportunidades de crescimento profissional, mas também a percepção de futuro e a decisão de permanecer ou migrar para contextos urbanos.

Outro aspecto importante é que, embora o movimento feminino no agronegócio esteja cada vez mais fortalecido, com crescente participação de mulheres em cursos, eventos e programas de liderança, a desigualdade ainda se manifesta de forma marcante em contextos mais tradicionais do meio rural, onde práticas patriarcais e relações de dependência simbólica continuam a restringir a autonomia e o reconhecimento feminino (Brumer, 2004; Carneiro, 2007; Siliprandi, 2015; Rigo *et al.*, 2025).

Bruschini (2007) acrescenta que, além da sobrecarga de funções produtivas e domésticas, muitas mulheres jovens enfrentam o impacto psicológico dessas múltiplas jornadas. A exaustão, a sensação de insuficiência e o estresse resultante da pressão por desempenho são expressões contemporâneas da divisão sexual do trabalho, conforme discutem Hirata e Kergoat (2007), evidenciando a persistente desigualdade de gênero no mundo do trabalho. Siliprandi (2015) observa que, no meio rural, essas desigualdades se expressam de

forma ainda mais intensa, dada a naturalização do trabalho feminino e a persistência de relações de gênero desiguais no campo.

Beltramini *et al.* (2022) demonstram que o chamado “teto de vidro” no agronegócio não se restringe às empresas privadas: ele também está presente nas cooperativas e associações rurais, onde as mulheres, apesar de representarem parcela significativa das cooperadas, continuam sendo minoria nos cargos diretivos e nos conselhos decisórios. As autoras identificam que, embora programas como o Coopergênero, que visava promover a equidade de gênero e o empoderamento feminino, e as políticas de equidade do Ministério da Agricultura representem avanços, ainda há resistência cultural e institucional para incluir as mulheres jovens em papéis de liderança e formulação de estratégias de gestão. Isso demonstra que a desigualdade de gênero se reproduz mesmo em ambientes que se propõem a ser democráticos e participativos.

2.4. Incentivos, sucessão e perspectivas de futuro no agro

Com base nos desafios anteriormente discutidos, é possível compreender que o fortalecimento da presença feminina jovem no agronegócio depende não apenas da superação das barreiras estruturais e simbólicas, mas também da existência de incentivos que sustentem sua permanência e impulsionem sua atuação no campo. Esses incentivos se expressam tanto em políticas públicas e iniciativas institucionais quanto em processos socioculturais que valorizam o papel das mulheres como agentes de transformação e continuidade.

Nos últimos anos, as transformações no meio rural e o avanço das políticas de inclusão produtiva têm ampliado o espaço para o protagonismo das mulheres jovens no agronegócio. O fortalecimento da presença feminina no campo tem sido impulsionado tanto por iniciativas institucionais, como cursos, programas de capacitação e comissões de representatividade, quanto por processos sociais que reforçam o sentimento de pertencimento, identidade e autonomia (Siliprandi, 2015; Aroeira, 2025). Essas políticas, embora recentes, contribuem para modificar gradualmente os padrões de gênero e as hierarquias familiares que tradicionalmente limitaram o acesso das mulheres aos recursos produtivos e às decisões estratégicas.

Entre os avanços mais significativos, destacam-se programas como o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural, de 2018, e o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), que buscam fortalecer a permanência de jovens e mulheres no campo a partir do acesso à terra, assistência técnica e crédito subsidiado. Essas iniciativas reforçam a importância da

inclusão produtiva feminina e da construção de políticas intergeracionais que integrem formação, renda e autonomia.

De acordo com Abramovay *et al.* (1998), a permanência dos jovens no campo está diretamente ligada à existência de condições de vida e trabalho dignas, bem como à percepção de que o meio rural oferece oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Essa perspectiva também se aplica às mulheres jovens, que buscam conciliar o vínculo com a terra a novas formas de inserção econômica e social. A permanência, portanto, não é apenas uma decisão produtiva, mas também uma escolha identitária e afetiva, marcada pelo desejo de pertencimento e pela busca por autonomia dentro de um espaço historicamente masculinizado.

A literatura sobre sucessão rural feminina indica que esse processo é influenciado por múltiplos fatores que vão além da herança legal. Segundo Panno (2016), o processo sucessório nas propriedades familiares deve ser entendido como um processo contínuo de socialização e transferência de valores, mais do que uma decisão pontual. As filhas que participam desde cedo das decisões produtivas e do cotidiano da propriedade tendem a desenvolver maior senso de pertencimento e preparo para a gestão. No entanto, a falta de estímulo dos pais, o preconceito de gênero e o imaginário que associa a sucessão ao papel masculino continuam a dificultar a inserção plena das jovens nesses espaços.

O processo de sucessão rural tem se configurado como um dos principais desafios e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para o fortalecimento da participação feminina. Como destacam Brumer (2004), Deere e León (2002), a inserção feminina nos processos sucessórios rompe paradigmas tradicionais ao reconhecer as mulheres como herdeiras legítimas das propriedades e das responsabilidades produtivas, superando o modelo que associava o poder de decisão ao homem. Essa transição é especialmente relevante entre as mulheres jovens, que tendem a adotar práticas mais sustentáveis e inovadoras, integrando conhecimento técnico, gestão e sensibilidade ambiental na condução dos negócios rurais.

Essas mudanças indicam um novo paradigma da sucessão, em que o ato de herdar não se restringe à posse da terra, mas envolve também a herança simbólica de valores e identidades. As jovens sucessoras passam a desempenhar um papel de “herdeiras culturais”, responsáveis por conciliar a tradição e inovação, mantendo os vínculos familiares enquanto incorporam práticas modernas de gestão, sustentabilidade e empreendedorismo (Abramovay *et al.*, 1998; Carneiro, 2007; Brumer, 2004).

Oliveira e Vieira Filho (2019) reforçam que a sucessão geracional precisa ser tratada como parte da sustentabilidade econômica e social das fazendas familiares. Os autores destacam que o êxito da continuidade produtiva depende da viabilidade financeira da

propriedade, da clareza na comunicação entre as gerações e do alinhamento entre os objetivos familiares e empresariais. Para as mulheres, isso inclui o reconhecimento de suas competências e a eliminação das barreiras simbólicas que restringem sua participação nas decisões e no acesso à terra.

Entretanto, o sucesso desse processo depende da existência de ambientes familiares e institucionais favoráveis, capazes de reconhecer e apoiar as decisões das jovens sucessoras. Em muitos casos, o incentivo vem do reconhecimento dentro da própria família ou da comunidade, que passa a enxergar as mulheres como agentes de continuidade e transformação. Segundo Pizzinato *et al.* (2017), quando as jovens têm acesso à educação, capacitação e redes de apoio, elas conseguem desenvolver projetos produtivos com maior autonomia e visão empreendedora, o que contribui para reduzir a migração e fortalecer a economia local.

Essas constatações dialogam com a análise de Vedana *et al.* (2022/2023), para quem as novas gerações de mulheres rurais estão construindo formas híbridas de empreendedorismo e sucessão, combinando práticas tradicionais e modernas. Elas ocupam papéis de gestão em pequenas agroindústrias familiares, lideram cooperativas e participam de feiras regionais, redefinindo o significado de “permanecer no campo”. Essa pluralidade de estratégias evidencia que a sucessão feminina não é apenas uma continuidade biológica, mas uma reinterpretação cultural e produtiva do que significa herdar e liderar no contexto contemporâneo.

O avanço das políticas públicas voltadas ao desenvolvimento rural também tem desempenhado um papel significativo na criação de oportunidades para as mulheres do campo. Programas de crédito, assistência técnica e formação profissional têm contribuído para ampliar o acesso das jovens a recursos produtivos e estimular a adoção de novas tecnologias (Abramovay *et al.*, 1998). Siliprandi (2015) destaca que o protagonismo das mulheres rurais está profundamente relacionado à agroecologia e à sustentabilidade, uma vez que são, em grande parte, as principais responsáveis por práticas de manejo sustentável e diversificação produtiva. Essa relação reforça o papel estratégico das mulheres na promoção de um agronegócio mais equilibrado e sensível às demandas sociais e ambientais.

Nesse sentido, os estudos de Lobley e Baker (2012) apontam que o êxito das propriedades familiares depende diretamente da adaptação das novas gerações às mudanças tecnológicas e ambientais, exigindo dos sucessores uma formação cada vez mais interdisciplinar. Essa constatação é particularmente relevante para as jovens mulheres, cuja presença tem contribuído para introduzir novas práticas de gestão, maior abertura à inovação e atenção à sustentabilidade, atributos considerados decisivos para a competitividade futura do setor agropecuário.

Além disso, novas formas de empreendedorismo e inovação feminina têm surgido como respostas criativas às limitações ainda presentes no setor. Iniciativas de produção artesanal, agroindústria familiar, cooperativas e feiras de produtos locais são exemplos de espaços em que as mulheres jovens têm exercido a liderança e desenvolvido modelos produtivos que aliam tradição e modernidade (Vedana *et al.*, 2022/2023; Siliprandi, 2015; FAO, 2019). Conforme Schneider (2016), essas experiências representam uma ampliação do conceito de desenvolvimento rural, pois demonstram que a diversificação e o protagonismo local são caminhos sustentáveis para o fortalecimento da economia agrícola.

Mais recentemente, o empreendedorismo digital tem se destacado como ferramenta de inclusão e inovação entre as mulheres do campo. Pesquisas da FAO (2021) e do SEBRAE (2023) mostram que o uso das redes sociais, do e-commerce e das plataformas colaborativas tem permitido que jovens produtoras ampliem a visibilidade de seus produtos, diversifiquem fontes de renda e construam novas redes de apoio e comercialização. Essa apropriação tecnológica representa não apenas uma inovação econômica, mas também uma forma de empoderamento simbólico e de reconfiguração das relações de gênero no espaço rural.

As perspectivas de futuro para as mulheres jovens no agronegócio apontam para uma geração mais preparada, articulada e consciente de seu papel transformador. Contudo, essa trajetória ainda depende de políticas consistentes de valorização da juventude feminina, capazes de garantir condições equitativas de participação e reconhecimento. Como observa Carneiro (2007), o futuro do meio rural está diretamente associado à capacidade de atrair e manter seus jovens, e isso implica assegurar que as mulheres possam construir projetos de vida com autonomia, visibilidade e segurança econômica.

No contexto cearense, essas transformações são perceptíveis tanto nas propriedades familiares quanto nas organizações de representação rural. O aumento do número de mulheres em cargos de coordenação, a presença em comissões temáticas e a participação ativa em eventos e redes de liderança indicam que o agro do Ceará caminha para um cenário de maior diversidade e inclusão (Aroeira, 2025). No entanto, ainda há desafios a enfrentar, especialmente no que se refere à permanência de jovens em municípios de menor acesso a políticas públicas e infraestrutura (SDA, 2020; IPECE, 2023; Abramovay *et al.*, 1998).

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa, com o detalhamento das escolhas metodológicas que nortearam o estudo. A metodologia foi delineada de forma a atender aos objetivos específicos da pesquisa, possibilitando compreender a inserção, os desafios e as perspectivas das jovens mulheres no agronegócio cearense a partir de suas próprias percepções e experiências.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com base em uma abordagem que busca compreender percepções, experiências e significados atribuídos pelas participantes à sua trajetória no agronegócio. Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa se volta à compreensão da realidade social a partir da perspectiva dos sujeitos, valorizando o contexto, as relações e os sentidos construídos. A adoção dessa abordagem fundamenta-se na necessidade de captar elementos simbólicos, subjetivos e relacionais que atravessam a vivência das jovens no setor rural, dimensões que não seriam plenamente apreendidas por técnicas quantitativas.

Como destaca Creswell (1991), a pesquisa qualitativa é apropriada quando se busca compreender o significado que os indivíduos atribuem a um fenômeno social ou humano, considerando suas percepções e experiências pessoais. Nesse sentido, a abordagem qualitativa mostrou-se a mais adequada para a compreensão da complexidade das trajetórias femininas no agronegócio cearense, considerando a pluralidade de contextos, histórias e desafios relatados.

O caráter exploratório, segundo Gil (2019), contribui para ampliar a familiaridade com o problema investigado e possibilitar o surgimento de novas compreensões sobre o tema. O aspecto descritivo, conforme Vergara (2016), busca expor as características de determinado grupo ou fenômeno, descrevendo suas variáveis e relações mais evidentes. Do ponto de vista técnico, trata-se de um estudo de campo que, segundo Gil (2019), caracteriza-se pela coleta direta de informações com as pessoas envolvidas no fenômeno estudado, permitindo contato próximo com a realidade investigada.

No contexto desta pesquisa, o conceito de juventude é compreendido como uma fase de transição marcada por processos de construção da identidade, inserção social e busca por autonomia. Essa compreensão acompanha tanto as perspectivas sociológicas de autores como Abramovay *et al.* (1998) e Carneiro (1998), que associam a juventude rural à busca por reconhecimento e pertencimento, quanto a definição legal prevista no Estatuto da Juventude (EJ - Lei nº 12.852/2013), que estabelece como jovens as pessoas entre 15 e 29 anos.

As participantes da pesquisa são jovens mulheres com idades entre 18 a 29 anos, atuantes de forma direta ou indireta em atividades relacionadas ao agronegócio. Embora o EJ

considere a faixa etária a partir dos 15 anos, optou-se por iniciar o recorte a partir dos 18 anos, considerando que a pesquisa aborda experiências de inserção profissional e autonomia no trabalho, aspectos mais característicos da fase adulta jovem. A seleção das participantes ocorreu por conveniência e disponibilidade, estratégia recorrente em estudos qualitativos por permitir acesso a indivíduos que atendem diretamente aos critérios pertinentes ao fenômeno de interesse. Além disso, o uso da rede profissional da pesquisadora favoreceu a diversidade de perfis, áreas de atuação e municípios representados, ampliando a riqueza do material coletado.

A definição do número de participantes esteve associada às condições práticas e temporais de realização da pesquisa, considerando o cronograma acadêmico e a profundidade exigida pela abordagem qualitativa adotada. Foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas, número que possibilitou a escuta aprofundada das trajetórias, percepções e experiências das participantes inseridas no agronegócio cearense.

Ao longo do processo de coleta e análise dos dados, observou-se a recorrência de temas, narrativas e experiências, sem a emergência de novos elementos substantivos relacionados aos objetivos do estudo. A literatura metodológica destaca que, em pesquisas qualitativas exploratórias com entrevistas em profundidade e grupos relativamente homogêneos, níveis satisfatórios de saturação temática podem ser alcançados com amostras reduzidas, mesmo quando a saturação não constitui o critério inicial de definição do tamanho da amostra (Hennink; Kaiser, 2022). Assim, o número de participantes mostrou-se compatível com os objetivos e o delineamento metodológico da pesquisa.

Para garantir o anonimato das entrevistadas, foram atribuídos nomes fictícios inspirados em grandes mulheres da ciência, da pesquisa e do desenvolvimento rural. Essa escolha, além de atender aos princípios éticos da pesquisa, buscou valorizar simbolicamente o protagonismo feminino e a trajetória de mulheres que marcaram diferentes campos do conhecimento. Na sequência, apresenta-se o Quadro 1, que sintetiza o perfil sociodemográfico e profissional das participantes.

Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica e profissional das participantes

Nome Fictício	Idade	Município	Escolaridade	Área de atuação	Tempo no setor
Nísia Trindade (E1)	28	Fortaleza	Graduação (Superior)	Gestão e Administração Rural	3 anos
Ada Lovelace (E2)	25	Crato	Pós-graduação (Mestrado / Stricto Sensu)	Assistência Técnica e Pesquisa	7 anos

Wangari Maathai (E3)	27	Ibiapina	Pós-graduação (Especialização / Lato Sensu)	Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)	5 anos
Bertha Lutz (E4)	28	Fortaleza	Graduação (Superior)	Gestão e Produção Agropecuária	3 meses
Elinor Ostrom (E5)	29	Fortaleza	Graduação (Superior)	Gestão e Administração Rural	3 anos
Vandana Shiva (E6)	28	Solonópole	Graduação (Superior)	Gestão de Projetos Públicos	10 anos
Patrícia Medici (E7)	27	Jaguaribara	Pós-graduação (Especialização / Lato Sensu)	Gestão e Produção Agropecuária	1 ano
Berta Cáceres (E8)	24	Jaguaribara	Graduação (Superior)	Jurídico e Gestão	1 ano e 8 meses
Rachel Carson (E9)	27	Ibiapina	Pós-graduação (Especialização / Lato Sensu)	Produção Agropecuária (Produção vegetal)	1 ano
Marie Curie (E10)	27	Juazeiro do Norte	Graduação (Superior)	Consultoria e Certificação	4 anos e 10 meses
Dorothy Hodgkin (E11)	28	Maracanaú	Pós-graduação (Especialização / Lato Sensu)	Consultoria e Certificação	5 anos
Carolina Bori (E12)	28	Fortaleza	Graduação (Superior)	Consultoria e Certificação	6 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, instrumento amplamente empregado em pesquisas qualitativas por permitir a combinação entre perguntas pré-definidas e a liberdade para aprofundar aspectos emergentes durante a conversa (Triviños, 1987). O roteiro, apresentado no Apêndice A, foi elaborado com base nos objetivos específicos da pesquisa, e organizado de forma a orientar a conversa sem restringir a expressão das participantes. A opção por esse formato buscou equilibrar direcionamento temático e abertura para que as entrevistas pudessem introduzir aspectos relevantes de suas trajetórias que não estavam previstos inicialmente.

As entrevistas foram individuais, realizadas integralmente por meio da plataforma Google Meet, com duração média aproximada de 19 minutos. O formato virtual permitiu alcançar participantes de diferentes regiões do estado, garantindo privacidade, comodidade e liberdade de expressão. A condução online também possibilitou flexibilidade de horários, maior conforto das entrevistadas e um ambiente propício para relatos espontâneos. Mediante autorização prévia, todos os encontros foram gravados e posteriormente transcritos de forma literal, assegurando a fidedignidade das informações.

A coleta de dados foi realizada entre 18 e 24 de novembro de 2025, após a aprovação do projeto junto à orientadora e a definição dos critérios de participação. Inicialmente, foi feito o contato com possíveis participantes por meio de mensagens e e-mails, explicando os objetivos da pesquisa e convidando-as a participar de forma voluntária.

A pesquisa observou todos os princípios éticos aplicáveis a estudos com seres humanos. No início de cada entrevista, a pesquisadora apresentou oralmente os objetivos do estudo, os princípios de confidencialidade e as condições de participação, conforme descrito no Apêndice A, que integra o roteiro da entrevista e contempla os elementos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As participantes manifestaram concordância verbal com a participação e autorizaram a gravação, com seus consentimentos registrados em áudio, conforme exigido para pesquisas de natureza qualitativa.

Após a finalização das entrevistas, foram organizados os materiais que compõem o corpus da pesquisa. Para fins de transparência metodológica, o Quadro 2 apresenta a duração das entrevistas e o número de páginas das transcrições literais.

Quadro 2 – Informações do corpus analisado

Nome Fictício	Duração da entrevista	Nº de páginas da transcrição
Nísia Trindade (E1)	45:08	12
Ada Lovelace (E2)	27:27	8
Wangari Maathai (E3)	13:59	5
Bertha Lutz (E4)	14:46	5
Elinor Ostrom (E5)	12:20	5
Vandana Shiva (E6)	16:02	5
Patrícia Medici (E7)	11:22	4
Berta Cáceres (E8)	8:39	4
Rachel Carson (E9)	14:15	5
Marie Curie (E10)	25:24	7
Dorothy Hodgkin (E11)	18:12	6
Carolina Bori (E12)	23:57	8

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016), técnica que permite identificar padrões, significados e sentidos presentes nas mensagens, mediante processos sistemáticos de descrição e categorização. O processo analítico iniciou-se com uma leitura flutuante, seguida de leituras sucessivas para familiarização profunda com o material, possibilitando o reconhecimento de unidades de sentido e recorrências

discursivas. Posteriormente, procedeu-se à codificação do material e à elaboração de quadros analíticos contendo categorias temáticas, códigos, trechos originais, identificação das entrevistadas e frequência dos temas.

As categorias a priori, definidas previamente, corresponderam aos três eixos temáticos do roteiro: a) Inserção e atuação das jovens no agronegócio; b) Desafios e barreiras enfrentadas; c) Perspectivas de futuro e permanência. Essas categorias serviram como estrutura inicial de organização do material. No entanto, em conformidade com Bardin (2016), o processo de leitura permitiu a emergência de categorias a posteriori, construídas a partir dos sentidos que surgiram espontaneamente nos relatos e que revelaram aspectos não previstos inicialmente. Entre esses elementos emergentes, destacou-se a dimensão etária, marcada por experiências de deslegitimação, infantilização e questionamentos sobre a capacidade profissional das jovens devido à idade, revelando intersecções entre gênero e geração no contexto do agronegócio.

A partir dessas etapas, foram elaborados sete quadros principais de análise, alinhados aos objetivos específicos da pesquisa. Esse percurso possibilitou comparar discursos, identificar convergências e singularidades e interpretar os achados à luz do referencial teórico, aprofundando a compreensão sobre como essas jovens constroem suas trajetórias, enfrentam desafios e projetam seu futuro no agronegócio cearense.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentam-se os principais achados da pesquisa, articulando as narrativas das jovens entrevistadas com os aportes teóricos discutidos anteriormente. O objetivo é compreender como essas mulheres têm se inserido no agronegócio cearense, quais desafios enfrentam em seu percurso, que fatores influenciam suas permanências e quais expectativas projetam para o futuro no campo.

A análise foi organizada em três eixos centrais: a inserção e a atuação dessas jovens no agro, evidenciando trajetórias, escolhas e formas de participação; os desafios e barreiras estruturais, especialmente relacionadas às desigualdades de gênero que ainda atravessam o meio rural; e os incentivos e perspectivas de futuro, destacando elementos que fortalecem o protagonismo feminino, a inovação e a continuidade das atividades no setor.

Por fim, apresentam-se reflexões integradas que dialogam com autores, permitindo compreender como a juventude feminina rural vem construindo novos sentidos para sua presença no agronegócio e ampliando as possibilidades de liderança e representatividade no território cearense.

Ressalta-se que os quadros apresentados ao longo deste capítulo possuem caráter sintético e ilustrativo, reunindo apenas exemplos de trechos das entrevistas selecionados para subsidiar a discussão dos resultados. As versões completas de cada quadro analítico, contendo a totalidade dos excertos identificados no processo de análise de conteúdo, encontram-se disponibilizados nos apêndices.

4.1 Inserção e atuação das jovens mulheres no agronegócio

A análise das entrevistas revela que a inserção das jovens mulheres no agronegócio cearense ocorre por meio de trajetórias plurais que combinam elementos familiares, educacionais e profissionais. Essas múltiplas portas de entrada, sistematizadas no Quadro 3 (ver Apêndice B), dialogam com a literatura sobre juventude rural e protagonismo feminino, especialmente com a compreensão de Carneiro (2007) e Brumer (2004) de que as jovens vivenciam um processo identitário marcado pela tensão entre tradição e modernidade. Enquanto algumas crescem em meio à produção agrícola e à rotina do campo, outras chegam ao agro por meio da formação acadêmica, do desejo de empreender ou até mesmo da necessidade de reorientar seus caminhos profissionais, evidenciando que a presença feminina no setor não se configura de forma linear ou homogênea, mas como um fenômeno dinâmico e em constante transformação.

Quadro 3 – Inserção das jovens mulheres no agronegócio

Categoria	Código	Exemplo de Citação	Recorrência
Inserção no Agro	Herança e tradição familiar	“Eu sou filha de produtor, neta de produtor, então minha relação já vem de família mesmo. Então, quando eu comecei, foi muito por influência deles, da minha família. Minha família é de Pentecoste, minha família tem um sítio, então, na minha cabeça, eu iria trabalhar em Pentecoste e trabalhar no sítio da minha família.” (Nísia Trindade)	4/12
		“Meus pais são agricultores, pequenos pecuaristas, então, assim, eu acho que quando você já nasce nesse meio, parece que já tá no sangue, né? Você pode rodar o mundo todo, mas aquilo tá no sangue e você volta pra aquilo ali.” (Bertha Lutz)	
	Formação acadêmica e técnica	“Primeiro, né, eu entrei na universidade, me formei na UFC, mas antes de entrar na UFC eu estudei um ano e meio na UFERSA, aí depois transferi para a UFC. Assim que eu finalizei meu período de estágio, eu já fui contratada. Então, assim, eu já saí da universidade entrando no mercado de trabalho.” (Elinor Ostrom)	7/12
	Transição profissional e mudança de área	"Eu sempre gostei muito do agro, só que meu pai, uma pessoa mais antiga, tinha a mentalidade de que o trabalho da fazenda não daria retorno, que não queria a gente. Aí é tanto que eu fui pra capital, cursei farmácia, sou farmacêutica, voltei pro interior, comecei a trabalhar na área. Só que onde eu trabalhava, fechou o negócio. E hoje a gente tem, a gente produz o nosso leite, o nosso próprio leite, a gente faz o queijo." (Patrícia Medici)	1/12

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O quadro permite identificar três rotas principais de entrada das jovens no setor: (i) a herança e tradição familiar (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Bertha Lutz e Berta Cáceres), (ii) a formação acadêmica e técnica (Wangari Maathai, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Rachel Carson, Marie Curie, Dorothy Hodgkin e Carolina Bori), e (iii) a transição profissional (Patrícia Medici). Cada uma dessas vias expressa dimensões específicas da relação entre essas mulheres e o espaço rural, revelando como fatores afetivos, educacionais e contextuais se articulam na construção das trajetórias femininas no agronegócio. A herança familiar, presente em quatro entrevistas, evidencia o papel do pertencimento como motivação inicial para a permanência no campo.

A fala de Nísia Trindade: “*sou filha de produtor, neta de produtor, então minha relação já vem de família*”, ilustra como a socialização rural continua sendo, para algumas, a primeira forma de aproximação ao agronegócio. De modo semelhante, Bertha Lutz afirma que “*quando você já nasce nesse meio, parece que já tá no sangue*”, reforçando o vínculo afetivo e simbólico com a produção. Esses relatos confirmam a análise de Brumer (2004), que aponta a família como instância estruturante da identidade rural. No entanto, diferentemente dos padrões

patriarcais descritos por Deere e León (2002), a continuidade no campo não aparece como imposição, mas como escolha ressignificada pelas jovens, que reinterpretem a sucessão sob uma lógica de autonomia e projeto pessoal, em consonância com a compreensão da sucessão como processo social e identitário destacada por Abramovay *et al.* (1998) e Carneiro (2007).

A formação acadêmica e técnica, por sua vez, emerge como rota mais recorrente de inserção, presente em sete das doze entrevistas. Os relatos evidenciam que cursos técnicos, tecnológicos e de graduação funcionaram como espaços de descoberta, legitimação e construção de competências profissionais. Wangari Maathai afirma que ingressou em Tecnologia em Agroindústria sem saber exatamente o que encontraria, mas reconhece que o curso transformou sua percepção sobre o setor. Elinor Ostrom, ao afirmar que “*assim que finalizei meu período de estágio, eu já fui contratada*”, evidencia como a escolarização atua como ponte direta para o mercado de trabalho, ampliando oportunidades de inserção e reconhecimento profissional.

Essa centralidade da formação confirma os achados de Beltramini *et al.* (2022) e das análises da FAO (2021), que identificam a escolarização como elemento central do protagonismo feminino no agronegócio. Mais do que um requisito formal, a educação emerge amplia o repertório técnico, fortalece a identidade profissional e legitima a presença das mulheres em espaços historicamente masculinizados, atuando também como instrumento de enfrentamento das desigualdades simbólicas discutidas por Bourdieu (2002).

Há ainda a rota da transcrição profissional, presente no relato de Patrícia Medici, que, após formação e experiência em farmácia, retorna ao campo para atuar na produção leiteira da família. Ao relatar que “*Eu fui para a capital, cursei farmácia... mas hoje a gente produz nosso próprio leite, faz o queijo*”, a entrevistada exemplifica trajetórias marcadas por idas e vindas, reconfigurações e experimentações, conforme descrito por Carneiro (2007) no contexto da juventude rural contemporânea. No caso das jovens mulheres, esse retorno ao campo não representa um retrocesso, mas uma escolha estratégica que combina capital educacional urbano e saberes rurais, ampliando as possibilidades de inovação e profissionalização das atividades familiares.

Assim, embora os caminhos de entrada variem, todas as jovens entrevistadas constroem sua inserção no agronegócio de forma ativa, articulando expectativas pessoais, oportunidades educacionais e contextos familiares. Esse movimento se relaciona diretamente à noção de protagonismo destacada por Abramovay *et al.* (1998), que compreende a juventude rural como agente de transformação, inovação e ressignificação dos espaços produtivos.

No que diz respeito à atuação profissional, a análise das entrevistas permitiu identificar três grandes áreas de desempenho: atuação técnica e supervisão, gestão e processos administrativos, e consultoria e certificações, conforme sistematizado no Quadro 4 (ver Apêndice C). A diversidade dessas áreas evidencia que as jovens não apenas ingressam no agronegócio, mas ocupam posições estratégicas e de alta complexidade, ampliando o repertório de papéis femininos no setor e desafiando estereótipos historicamente associados à presença feminina no meio rural.

Quadro 4 – Atuação das jovens mulheres no agronegócio

Categoria	Código	Exemplo de Citação	Recorrência
Atuação no Agro	Atuação técnica	“Eu desenvolvo a parte técnica, e os técnicos me procuram para tirar dúvidas de conhecimento geral da área. Eu acompanho as propriedades, verifico as atividades que estão sendo implementadas e oriento quando necessário. Sou supervisora de nove cidade (...) Acompanho o trabalho dos técnicos nessas regiões, sempre orientando, ajustando e ajudando na parte técnica.” (Ada Lovelace)	4/12
	Gestão	“O setor nasceu junto comigo. Hoje, minha maior entrega é o plano de abastecimento da empresa. Todos os plantios que vão acontecendo de janeiro a dezembro... esse ano eu já entreguei o plano de abastecimento de 2026. Eu tô responsável por todo o feijão que a gente vai vender no ano. Toda a tomada de decisão passa por mim. (...) Liderando e coordenando os meninos e coordenando os produtores.” (Nísia Trindade)	6/12
		“A gente tem um comércio, né? Um comércio de hortifrute. Então, tudo que sai lá do sítio, a gente já comercializa no próprio comércio mesmo. (...) Eu gosto de colocar a mão na massa, mas fico mais no gerencial. (...) O meu forte mesmo é a comercialização, a venda. (...) Depois que eu entrei, a gente decidiu formar um rótulo, formar uma marca do nosso sítio, pra realmente expandir no mercado.” (Bertha Lutz)	
Consultoria e certificações	“Eu faço um pouco de todo o processo de certificação. Atuo na certificação orgânica, certificação de comércio justo, certificação para grandes empresas. (...) Tem cliente que atuo mais com gestão e base documental... e tem projetos que vou para campo, porque sou equipe técnica e trabalho diretamente com produtores. (...) Organizo informações, reviso documentos, monto sistema de controle interno...” (Marie Curie)	3/12	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que diz respeito à atuação profissional, a análise das entrevistas permitiu identificar três grandes áreas de desempenho das jovens mulheres no agronegócio cearense: (i) atuação técnica (Ada Lovelace, Wangari Maathai, Vandana Shiva e Rachel Carson), (ii) gestão

(Nísia Trindade, Bertha Lutz, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Patrícia Medici e Berta Cáceres) e (iii) consultoria e certificações (Marie Curie, Dorothy Hodgkin e Carolina Bori).

A atuação técnica, presente em quatro entrevistas, ocupa papel relevante na experiência dessas jovens. Ada Lovelace descreve que “*acompanha propriedades, orienta técnicos e supervisiona nove cidades*”, demonstrando responsabilidades que envolvem liderança, tomada de decisão e domínio técnico. Esse tipo de atuação reforça a análise de Brumer (2004) sobre o deslocamento das mulheres para espaços de autoridade técnica no campo, outrora restritos aos homens, e evidencia que a legitimidade feminina nesses espaços é construída cotidianamente, a partir da prática profissional, da confiança e do reconhecimento institucional, como também apontado por Aroeira (2025).

A atuação em gestão, identificada em seis relatos, constitui a forma mais recorrente de participação das entrevistadas no agronegócio. Nísia Trindade afirma que “*toda tomada de decisão passa por mim... sou responsável pelo plano de abastecimento*”, evidenciando um papel central dentro da empresa, enquanto Bertha Lutz relata o processo de construção de marca própria e expansão da comercialização dos produtos do sítio. Elinor Ostrom, por sua vez, descreve a gestão de equipes e processos administrativos em uma *startup*. Em comum, esses relatos competências relacionadas ao planejamento, à liderança, à negociação e à visão estratégica, confirmando observações de Schneider (2016) sobre a crescente inserção de mulheres jovens em funções de maior complexidade no agronegócio. Esse deslocamento para funções gerenciais e decisórias sinaliza uma ruptura gradual com o modelo tradicional que restringia as mulheres a atividades periféricas ou de apoio, ainda que marcado por tensões e desigualdades persistentes, conforme discutido por Bourdieu (2002).

Por fim, a atuação em consultoria e certificações, presente em três entrevistas, revela a inserção das jovens em um segmento altamente técnico e especializado. Marie Curie relata: “*atuo na certificação orgânica, reviso documentos, organizo informações e trabalho diretamente com produtores*”. Dorothy Hodgkin e Carolina Bori apresentam trajetórias semelhantes, envolvendo auditorias internas, controle documental e capacitações. Essa área de atuação, marcada por exigências normativas e demandas de mercado globalizado, confirma uma das novas fronteiras da profissionalização feminina no agronegócio, conforme apontado por Beltramini *et al.* (2022).

Em conjunto, as formas de inserção e atuação aqui discutidas revelam a construção de um perfil profissional feminino no agronegócio que combina qualificação, autonomia e protagonismo. As jovens constroem trajetórias sólidas que articulam tradição, formação e inovação, desafiando desigualdades históricas e ampliando a representatividade feminina no

setor. Assim, confirmam o que Carneiro (2007) denomina de “reconstrução identitária” da mulher rural: um processo no qual a presença feminina deixa de ser vista como complementar ou auxiliar e passa a ocupar o centro das atividades produtivas, técnicas e gerenciais do agronegócio cearense.

4.2 Desafios e barreiras enfrentadas

As narrativas das jovens entrevistadas revelam um conjunto de desafios que atravessam sua atuação no agronegócio e evidenciam tensões já discutidas por Brumer (2004) e Carneiro (2007) acerca das desigualdades de gênero no meio rural e das disputas simbólicas que marcam a presença feminina em espaços historicamente masculinizados. Esses desafios se apresentam tanto em dimensões estruturais, como organização do trabalho, infraestrutura e dinâmicas produtivas, quanto em dimensões relacionais, especialmente nas interações com técnicos, produtores e equipes. Mais do que obstáculos pontuais, esses desafios configuram um ambiente de trabalho que exige das jovens constante negociação de legitimidade, adaptação e resistência, conforme sintetizado no Quadro 5 (ver Apêndice D).

Quadro 5 – Desafios enfrentados pelas jovens mulheres no agronegócio

Categoria	Código	Exemplo de Citação	Recorrência
Desafios	Acúmulo de funções	“Acho que uma dificuldade também é o excesso de coisas. Eu adoeci, na verdade, porque são muitos papéis e é muito difícil pra mim entender onde eu tô. Às vezes estou resolvendo agro, aí surge demanda da produção e eu tenho que parar tudo. Eu entro nos problemas de outros setores sem querer, querendo... porque não existe setorização.” (Nísia Trindade)	3/12
	Resistência e falta de cooperação de técnicos e produtores	“A maioria dos meus técnicos são homens... e a maioria dos produtores também. Meus técnicos tiveram resistência quando souberam que eu sou supervisora deles, por ser mais nova e por ser mulher. Teve um técnico que expôs que não sentia confiança nem segurança em mim, porque eu era muito imatura e crua para ser supervisora dele.” (Ada Lovelace)	8/12
	Comunicação difícil e falhas de diálogo	“Com o produtor eu converso de um jeito, mas com o apanhador eu tenho que mudar totalmente a linguagem. Às vezes tenho que repetir várias vezes, adaptar, explicar... é difícil a comunicação. Alguns não querem ir para treinamento, não querem participar de nada.” (Nísia Trindade)	6/12

		“Produtores só respeitam o que o homem fala e não o que a mulher tem falado. (...) A parte mais difícil é o tratamento que não é igual... porque às vezes quando eles veem a presença de uma mulher dentro daquele trabalho, eles já não consideram o que está sendo dito. (...) Quando você repassa a informação, ela é questionada. Mas quando um homem repassa, não é questionada... é como se fosse uma verdade absoluta.” (Carolina Bori)	
	Condições difíceis do campo	“Eu percorro todo esse trajeto de moto... tem estradas muito ruins, entradas perigosas. Já aconteceu de eu ficar presa por causa da lama, já tive medo real de cair. Tem área que é isolada, que o celular não pega, e isso é muito perigoso quando você anda sozinha.” (Ada Lovelace)	8/12
		“É muito cansativo, é muito trabalho, é muito esforço. Produtor rural... a gente trabalha de domingo a domingo. Não tem folga. A vaca de leite não tira folga.” (Patrícia Medici)	
		“Eu ainda acho muito perigoso para a mulher viajar sozinha... abrir um carro e sair fazendo visitas. É perigoso. (...) Para fazer visita eu não posso ir sozinha. Se eu for para uma estrada de terra e alguém me atacar, ninguém vai saber.” (Marie Curie)	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir do quadro, identificamos um conjunto de dificuldades recorrentes, agrupadas em quatro grandes dimensões: (i) acúmulo de funções (Nísia Trindade, Wangari Maathai e Dorothy Hodgkin), (ii) resistência e falta de cooperação de técnicos e produtores (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Wangari Maathai, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Rachel Carson, Marie Curie e Carolina Bori), (iii) Comunicação difícil e falhas de diálogo (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Wangari Maathai, Elinor Ostrom, Patrícia Medici e Carolina Bori) e (iv) condições difíceis do campo (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Vandana Shiva, Patrícia Medici, Berta Cáceres, Rachel Carson, Marie Curie e Dorothy Hodgkin).

Observa-se que o acúmulo de funções constitui uma das primeiras dificuldades relatadas pelas entrevistadas. Esse achado dialoga diretamente com Bruschini (2007), ao tratar da tendência histórica de as mulheres assumirem múltiplas frentes de trabalho sem delimitação clara de responsabilidades. Quando Nísia afirma: “*Adoeci, na verdade, porque são muitos papéis...*”, sua fala materializa o que a autora define como “elasticidade feminina”, agora situada no ambiente do agronegócio, onde a ausência de setorização e de definição de papéis amplia a sobrecarga emocional e profissional. Wangari Maathai reforça essa percepção ao relatar que atuar plenamente em sua área técnica se torna “*quase impossível*” diante das demandas administrativas, revelando uma contradição entre formação especializada e estrutura organizacional ainda pouco modernizada, aspecto também identificado por Aroeira (2025).

Outro desafio central refere-se à resistência e à falta de cooperação por parte de técnicos e produtores, especialmente homens, fenômeno que pode ser interpretado à luz do conceito de violência simbólica de Bourdieu (2002). A fala de Ada Lovelace, “*não sentiam confiança em mim*”, evidencia um processo de deslegitimação que independe da formação técnica e da posição ocupada. Nesses contextos, a autoridade feminina é constantemente colocada à prova, como também observado por Brumer (2004), que aponta a persistência de hierarquias históricas no setor agrícola. Vandana Shiva complementa essa análise ao relatar que produtores questionavam se uma “*menina sabe alguma coisa*”, expressão que explicita o entrelaçamento entre gênero e geração como marcadores de inferiorização, conforme discutido Carneiro (2007).

A comunicação difícil, identificada como outro eixo recorrente, ultrapassa a necessidade de adaptação da linguagem técnica e revela uma assimetria simbólica mais profunda. Carolina Bori afirma que “*quando um homem fala, é verdade absoluta; quando uma mulher fala, é questionada*”, evidenciando que o ato de comunicar no campo é também um exercício de poder. Essa dinâmica confirma a análise de Paulilo (2015), segundo a qual o espaço da fala é atravessado por relações hierárquicas que condicionam quem pode ser ouvido e reconhecido como legítimo. Para as jovens entrevistadas, comunicar-se implica não apenas transmitir informação, mas gerir resistências, preconceitos e desconfianças que recaem sobre sua autoridade profissional, como demonstra o esforço constante descrito por Nísia: “*mudar completamente a linguagem*”.

As condições adversas do trabalho no campo também emergem como desafios significativos, especialmente no que se refere à segurança e à intensidade das jornadas. Ada Lovelace descreve trajetos longos, com lama, isolamento e falta de sinal, enquanto Marie Curie afirma temer viajar sozinha. Esses relatos dialogam diretamente com as análises de Siliprandi (2015), que demonstra que a circulação feminina em contextos rurais é permeada por vulnerabilidade específicas e que esses riscos não são distribuídos igualmente entre homens e mulheres. A fala de Patrícia Medici, “*a vaca não tira folga*”, reforça a intensidade temporal do trabalho agropecuário, conforme Abramovay (1998), mas, no caso das mulheres, essa exigência se soma às pressões simbólicas e emocionais já mencionadas.

Além dos desafios estruturais e organizacionais, emergem nas entrevistas barreiras que derivam diretamente das desigualdades de gênero, expressando tensões mais profundas e persistentes. Esses elementos estão sistematizados no Quadro 6 (ver Apêndice E).

Quadro 6 - Barreiras enfrentadas pelas jovens mulheres no agronegócio

Categoria	Código	Exemplo de Citação	Recorrência
Barreiras	Deslegitimação por ser mulher	“Já aconteceu... e é incrível que pareça: a gente pensa que talvez o pequeno produtor tenha resistência, mas é justamente o contrário. Produtores maiores, empresários... eles têm uma barreira maior quando é mulher. (...) Já percebi isso em reuniões, sim.” (Elinor Ostrom)	10/12
		“Já aconteceu de me ignorarem. Eu e um colega homem... e o produtor fala só com o colega homem. (...) Hoje eu insisto até a pessoa falar comigo... mas no começo acontecia bastante. (...) Tinha um produtor que respondia sempre ao meu colega, nunca a mim.” (Marie Curie)	
	Assédio e hostilidade	“Quando me chamaram pra uma reunião... não era uma reunião. Era com segundas intenções. (...) Antes disso, eu já tive sequências de assédio. (...) Essa situação teve um impacto muito grande na minha vida profissional. Eu não consigo lidar com isso.” (Rachel Carson)	5/12
Desvantagens etárias e de gênero		“Eu sou mulher e sou muito nova... então tenho duas coisas contra mim.” (Nísia Trindade)	8/12
		“Ser muito jovem, não ter experiência e ser mulher. A resistência vinha dessas três coisas juntas.” (Vandana Shiva)	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O quadro evidencia três dimensões centrais: (i) deslegitimação por ser mulher (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Wangari Maathai, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Patrícia Medici, Berta Cáceres, Marie Curie, Dorothy Hodgkin, Carolina Bori e Nísia Trindade), (ii) assédio e hostilidade (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Vandana Shiva, Rachel Carson e Carolina Bori) e (iii) desvantagens etárias e de gênero (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Wangari Maathai, Vandana Shiva, Berta Cáceres, Marie Curie, Dorothy Hodgkin e Carolina Bori).

A principal barreira identificada é a deslegitimação profissional, que aparece nas falas de dez entrevistadas e confirma a análise de Brumer (2004) de que, mesmo quando ocupam posições técnicas, as mulheres ainda enfrentam resistências associadas à percepção de que autoridade e conhecimento pertencem ao masculino. A fala de Elinor Ostrom, “*produtores maiores têm uma barreira maior quando é mulher*”, ilustra como essas dinâmicas não dependem do porte da propriedade, mas de estruturas culturais profundamente naturalizadas. Marie Curie reforça isso ao relatar que produtores ignoravam sua fala e respondiam apenas ao colega homem, dando forma concreta ao que Bourdieu (2002) descreve como a reafirmação cotidiana das hierarquias simbólicas.

Entre as barreiras mais sensíveis identificadas, destaca-se o assédio, narrado de formas distintas por cinco entrevistadas. Em diversos relatos, o assédio aparece associado à

intimidação, à sexualização da mulher no ambiente profissional e ao deslocamento da fronteira entre o privado e o público. Entretanto, nenhuma narrativa evidencia seu impacto de forma tão profunda quanto o caso de Rachel Carson. Durante a entrevista, Rachel chorou, interrompeu a fala várias vezes e descreveu a situação como uma das mais traumáticas de sua trajetória. Ela relata que foi chamada para uma reunião que, na verdade, “*não era reunião nenhuma — era com segundas intenções*”. A sensação de violação, medo e impotência emergiu de tal forma que ultrapassou o desconforto pontual e se tornou um marco de ruptura em sua trajetória profissional. Rachel afirmou: “*Antes disso, eu já tive sequências de assédio. (...) E essa situação teve um impacto muito grande na minha vida profissional. Eu não consigo lidar com isso*”.

Diferentemente de outras jovens que permaneceram em suas áreas de atuação apesar do assédio, Rachel se afastou da atuação profissional vinculada à sua formação como engenheira de pesca. A sequência de episódios vivenciada tornou inviável sua permanência nos espaços institucionais e técnicos nos quais vinha atuando, interrompendo o percurso profissional que vinha sendo construído. Hoje, Rachel permanece vinculada ao agronegócio apenas por meio de um projeto familiar, desenvolvido junto ao noivo, fora do percurso profissional tradicional associado à sua formação. Esse caso evidencia que o assédio pode não apenas dificultar a atuação das mulheres, mas também restringir seus caminhos de inserção profissional, levando a redirecionamentos forçados de trajetória, conforme discutido por Siliprandi (2015).

Outra barreira transversal identificada é a dupla desvantagem de ser mulher e jovem, mencionada por oito participantes. Essa combinação amplifica a deslegitimação: Nísia afirma que “*tenho duas coisas contra mim*”; Vandana Shiva descreve que a resistência à presença vinha de “*ser muito jovem, não ter experiência e ser mulher*”; Carolina Bori lembra de ter sido chamada de “*aquela menina*”, como forma de infantilização e redução simbólica. Carneiro (2007) discute essa intersecção entre juventude e feminilidade como um ponto sensível da identidade profissional das mulheres rurais: ao mesmo tempo em que encarnam modernização e renovação geracional, são percebidas como pouco confiáveis ou insuficientemente experientes.

4.3 Incentivos e perspectivas de futuro

Se, por um lado, as entrevistas evidenciam uma série de desafios e barreiras à atuação das jovens mulheres no agronegócio cearense, por outro, também revelam motivações, apoios e projetos de futuro que ajudam a compreender por que elas permanecem, ou desejam permanecer, no setor. A partir da análise dos relatos, foi possível identificar três dimensões

centrais: (i) os sentidos atribuídos ao trabalho no agro e as motivações para seguir, (ii) os incentivos que sustentam essa permanência, e (iii) as perspectivas de futuro construídas por essas jovens. Esses elementos funcionam como contrapeso analítico aos obstáculos discutidos no eixo anterior, indicando que a permanência não se explica apenas por “resistência”, mas por uma combinação de sentido, rede de apoio e viabilidade concreta.

Esses resultados dialogam com autores como Abramovay *et al.* (1998) e Carneiro (2007), ao evidenciarem a juventude rural como sujeito de projetos, e não apenas como grupo “em risco” ou “em falta”. Ao longo dos relatos, observa-se que as entrevistadas atribuem ao trabalho no agro significados que ultrapassam o rendimento econômico, conectando profissão, território e identidade, o que a seguir, apresentam-se os quadros analíticos que sintetizam essas dimensões, seguidos da discussão.

Quadro 7 – Motivações das jovens mulheres para permanecer no agronegócio

Categoria	Código	Exemplo de Citação	Recorrência
Motivação	Transformação da comunidade	“É tão massa ver a transformação... ver que a gente consegue transformar a vida das pessoas. A gente conseguiu plantar o ano inteiro... eles conseguiram trabalhar o ano inteiro... isso me motiva.” (Nísia Trindade)	10/12
		“É muito bom trabalhar com produtores... a gente vê que realmente faz diferença na vida deles. (...) Eles não tinham nenhum nível de organização... não sabiam nem quanto gastavam, quanto vendiam. Quando começam a visualizar aqueles dados... para mim é muito gratificante.” (Elinor Ostrom)	
	Identificação profissional	“Eu amo o agro. Eu amo a minha profissão. Eu amo ser agrônoma.” (Nísia Trindade)	9/12
		“Eu não sei o que seria de mim sem o agro. Depois que entrei na graduação, a gente se tornou carne e unha... não tem como tirar o agro de mim.” (Ada Lovelace)	
	Realização profissional e crescimento	“Eu iniciei um trabalho junto com um colega... e depois assumi sozinha. Foi muito gratificante ter devolvido esse conhecimento dentro do meu município.” (Elinor Ostrom)	7/12
		“A gente ganhou a nossa primeira medalha do queijo... foi o primeiro queijo premiado do pai. Eu disse: ‘É isso que eu quero’. ‘É isso onde eu vou’. Tá dando certo.” (Patrícia Medici)	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Quadro 7 (ver Apêndice F) mostra que as motivações das jovens para permanecer no agronegócio se organizam em torno de três grandes eixos: (i) a transformação da comunidade (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Bertha Lutz, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Patrícia Medici,

Berta Cáceres, Rachel Carson, Dorothy Hodgkin e Carolina Bori), (ii) a identificação profissional (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Bertha Lutz, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Patrícia Medici, Berta Cáceres, Rachel Carson e Dorothy Hodgkin) e (iii) a realização profissional e crescimento pessoal (Nísia Trindade, Wangari Maathai, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Patrícia Medici, Marie Curie e Dorothy Hodgkin).

Em praticamente todas as entrevistas, há uma dimensão de sentido que ultrapassa o plano individual e se associa à ideia de contribuir com o território, com as famílias rurais e com a continuidade das atividades produtivas, perspectiva que dialoga diretamente com Abramovay *et al.* (1998), quando aponta a juventude rural como portadora de um projeto de desenvolvimento local. Nesse ponto, o dado empírico sugere que a permanência dessas jovens no campo se sustenta também por um sentimento de utilidade social, que reforça pertencimento e legitimidade.

A motivação ligada à transformação da comunidade aparece de forma muito forte em dez das doze entrevistas. Nísia Trindade resume esse sentimento ao afirmar: “*É tão massa ver a transformação... ver que a gente consegue transformar a vida das pessoas*”, destacando a satisfação em acompanhar produtores que passaram a plantar o ano inteiro com seu apoio. Ada Lovelace também afirma que “*são esses pequenos produtores que me fazem querer continuar*”, reforçando a importância da formação da relação direta com as famílias rurais. Nessa leitura, o vínculo com os produtores funciona não apenas como contexto de trabalho, mas como fonte de sentido e permanência.

Elinor Ostrom vê sentido em “*visualizar os dados*” com os produtores e perceber que eles, antes desorganizados financeiramente, passam a entender melhor gastos e receitas. Para Vandana Shiva, o momento em que uma produtora vende tudo na feira e volta para casa com dinheiro é a confirmação de que está “*no lugar certo*”. Essas falas indicam que o reconhecimento que elas recebem, ainda que cotidiano e localizado, opera como validação simbólica do trabalho, ajudando a compensar experiências de deslegitimação descritas anteriormente, o que se conecta à noção de compromisso comunitário em Carneiro (2007) e ao argumento de Abramovay *et al.* (1998) sobre juventude rural como agente de transformação territorial.

O segundo eixo, a identificação com o agro, aparece em nove entrevistas e se aproxima daquilo que o referencial discute como construção identitária no campo (Carneiro, 2007; Brumer, 2004). Nísia afirma de maneira direta: “*Eu amo o agro. Eu amo a minha profissão*”. Ada Lovelace diz que, depois que entrou na graduação, “*não tem como tirar o agro de mim*”, e Bertha Lutz resgata a ideia de que “*parece que já tá no sangue*”, ligando vocação a

raízes familiares, em consonância com a compreensão da identidade rural como processo socialmente construído, marcado pelo pertencimento, pela memória familiar e pela continuidade simbólica do trabalho no campo (Abramovay *et al.*, 1998; Carneiro, 2007). Aqui, o dado sugere que a escolha pelo setor é atravessada por pertencimento e continuidade identitária, e não apenas por oportunidade.

Em outros casos, como o de Patrícia Medici, o agro aparece como reencontro consigo mesma: ela compara a experiência na farmácia com a pecuária leiteira e afirma estar “*apaixonada*” pelo novo caminho. O que se evidencia, portanto, é que o agronegócio opera, para muitas delas, como espaço de coerência biográfica: permanecer no setor não é apenas “continuar trabalhando”, mas sustentar uma identidade construída, convergindo com Beltrami *et al.* (2022) ao discutir protagonismo feminino em cadeias produtivas rurais.

O terceiro eixo, ligado à realização profissional e crescimento, aparece em sete entrevistas e diz respeito tanto ao orgulho por conquistas concretas quanto ao desenvolvimento de confiança e autonomia. Nísia relata sentir “muito orgulho da construção” que fez até conquistar a confiança da equipe, Elinor comenta a gratificação de ter iniciado um trabalho com um colega e, depois, assumir sozinha a devolução de conhecimento ao município. Patrícia celebra a primeira medalha do queijo produzido pela família, reconhecendo nesse momento a confirmação de que está “no caminho certo”. Esses relatos mostram que “crescer” também significa consolidar reconhecimento e ampliar autonomia dentro do próprio território.

Marie Curie menciona que hoje é “*mais desbocada*” e que aprendeu a dizer “*não*”, identificando no amadurecimento emocional um ganho importante da trajetória no agro. Assim, o crescimento, para além de cargos e renda, envolve autonomia subjetiva, segurança para impor limites e capacidade de se posicionar, habilidades diretamente conectadas às barreiras simbólicas descritas anteriormente, em diálogo com Beltrami *et al.* (2022) e FAO (2021) sobre a emergência de novas lideranças no setor.

Quadro 8 – Incentivos à permanência das jovens mulheres no agronegócio

Categoria	Código	Exemplo de Citação	Recorrência
Incentivos	Apoio familiar	“O incentivo da minha mãe, principalmente... ela nunca desistiu de mim. Ela dizia: ‘Eu não consegui, mas quero que você vá cada vez mais longe’. Isso foi essencial pra eu continuar.” (Ada Lovelace)	6/12
		“Sua família lhe apoiar... seus pais, seus irmãos. (...) O negócio é do meu pai e dos meus irmãos... e a gente está conseguindo colocar tecnologia, novas ideias.” (Patrícia Medici)	

	Apoio institucional e organizacional	“O CNA Jovem foi algo que me motivou bastante a não sair da área. Foi onde conheci colegas que estão comigo até hoje... me ajudou a pensar em outras formas de continuar no agro.” (Ada Lovelace)	8/12
		“O apoio da empresa contribuiu muito. A gente cresceu junto. Trouxe oportunidades de conhecer outros lugares. (...) As alternativas públicas — Senar, Ministério — são muito importantes para desenvolver profissionais.” (Marie Curie)	
	Apoio de pares, colegas e outras mulheres	“Eu tive pessoas ao meu lado... inclusive uma que está comigo até hoje, presidente do meu sindicato. Eu digo muito que ele é o meu pai do agro. (...) Ele me incentivou muito, me apoiou muito. Ele dizia: ‘Eu sei que você tem capacidade’. (...) Quando eu estava pensando em sair... ele dizia: ‘Por aqui não deu certo, mas a gente vai tentar por ali’.” (Vandana Shiva)	3/12
		“Grupos de mulheres... comissões de mulheres... podem estar participando e fortalecendo suas ideias, suas vontades... para que elas não deem um passo para trás.” (Rachel Carson)	
	Retorno econômico	“O dinheiro importa muito... a gente tem contas para pagar. O apoio financeiro ajuda muito.” (Dorothy Hodgkin)	4/12
		“O que me fez querer voltar e continuar foi mesmo a questão financeira. (...) Atualmente eu creio que o que ainda me segura mesmo seja a parte financeira.” (Carolina Bori)	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Quadro 8 (ver Apêndice G) evidencia que as motivações internas se articulam com incentivos externos que sustentam a permanência das jovens no agro. Esses incentivos são múltiplos e envolvem: (i) apoio familiar (Ada Lovelace, Wangari Maathai, Patrícia Medici, Rachel Carson, Marie Curie e Dorothy Hodgkin), (ii) apoio institucional e organizacional (Nísia Trindade, Ada Lovelace, Elinor Ostrom, Vandana Shiva, Rachel Carson, Marie Curie, Dorothy Hodgkin e Carolina Bori), (iii) apoio de pares, colegas e outras mulheres (Vandana Shiva, Rachel Carson e Marie Curie) e, em menor medida, (iv) o retorno financeiro (Patrícia Medici, Berta Cáceres, Dorothy Hodgkin e Carolina Bori). Essa combinação confirma o papel das redes de apoio e do capital social na trajetória dos jovens rurais (Abramovay *et al.*, 1998; Bourdieu, 2002), mostrando que a permanência no setor depende da existência de suportes concretos que reduzam custos emocionais e riscos práticos do cotidiano.

O apoio familiar, presente em seis entrevistas, aparece como uma base afetiva e simbólica que legitima escolhas e sustenta decisões de continuidade. Ada Lovelace destaca a centralidade da mãe: “*Ela nunca desistiu de mim... dizia: ‘eu não consegui, mas quero que você vá cada vez mais longe’*”. Marie Curie afirma que “*incentivo familiar é muito importante*” e

que “*sair no mundo sem incentivo é muito assustador*”. Para Patrícia Medici, o apoio da família se materializa na gestão conjunta da fazenda, na ideia de que o negócio “*é do pai e dos irmãos*”, com espaço aberto para inserir novas tecnologias e ideias. Esses relatos sugerem que a família pode funcionar como espaço de validação da identidade profissional feminina e como proteção diante das resistências externas, operando como um “amortecedor” das barreiras encontradas. Ao mesmo tempo, reforçam a leitura de Brumer (2004) e Deere & León (2002) sobre a centralidade do núcleo familiar na transmissão de patrimônio e continuidade produtiva.

O apoio institucional e organizacional assume papel central em oito entrevistas, especialmente por meio de programas como CNA Jovem, concursos públicos e organizações que oferecem oportunidades de crescimento. Ada Lovelace afirma que o CNA Jovem foi decisivo para ela “*não sair da área*”, funcionando como espaço de formação, troca e ampliação de repertório. Raquel Carson, mesmo após o episódio dramático que a afastou da sua área de formação, reconhece o programa como “*uma grande porta*” para continuar no agronegócio, ainda que por outras vias. Vandana Shiva menciona o concurso municipal como “*virada de chave*”, enquanto Marie Curie e Dorothy Hodgkin destacam o papel das instituições na oferta de cursos, experiências e ampliação de horizontes profissionais. Esses relatos indicam que os incentivos institucionais atuam como mecanismos de permanência ao oferecer qualificação, pertencimento e reconhecimento, em consonância com Beltramini *et al.* (2022) e Vedana (2022/2023).

O apoio de pares, colegas e outras mulheres aparece em três entrevistas, mas com intensidade simbólica significativa. Vandana Shiva menciona a figura do presidente do sindicato, a quem chama de “*pai do agro*” reconhecendo nele o apoio emocional e profissional que a ajudou a não desistir: “*Quando estava pensando em sair... ele dizia: ‘por aqui não deu certo, mas a gente vai tentar por ali’*”. Marie Curie destaca a importância de outras mulheres que a inspiraram em liderança e gestão, enquanto Rachel Carson aponta com clareza o papel dos grupos e comissões de mulheres para evitar que elas “*deem um passo para trás*”. Ainda que menos recorrente numericamente, esse tipo de incentivo parece atuar como âncora emocional e como dispositivo de legitimação, oferecendo às jovens uma referência de pertencimento coletivo em um ambiente de disputas simbólicas. Esses relatos dialogam com Siliprandi (2015) sobre redes de apoio feminino no campo.

Por fim, o incentivo financeiro aparece de forma mais direta em quatro entrevistas, mas sempre articulado a outros elementos. Patrícia reconhece que “*todo mundo quer viver bem*” e acredita que poderá ter melhor retorno financeiro no agro do que na antiga profissão; Carolina Bori admite que “*o que ainda me segura mesmo seja a parte financeira*”; Dorothy Hodgkin

afirma que “*o dinheiro importa muito, a gente tem contas para pagar*”. Essas falas indicam que a permanência também é atravessada por racionalidades práticas e condições materiais, de modo que o “sentido” do agro não elimina a necessidade de viabilidade econômica. Isso se aproxima de Schneider (2016) quanto ao papel das oportunidades econômicas nas estratégias de permanência no campo.

Quadro 9 - Perspectivas de futuro das jovens mulheres no agronegócio

Categoria	Código	Exemplo de Citação	Recorrência
Perspectivas de Futuro	Crescimento profissional	“Quero muito continuar, porque eu tô gostando muito. Realmente, eu quero sair da parte de gestão comercial, que hoje é o forte, é o que sustenta, e quero ir mesmo pra parte técnica... de estar dentro da parte técnica mesmo. De estar atuando na parte técnica. Tanto no meu empreendimento, como também ajudando outros.” (Bertha Lutz)	8/12
		“Com certeza, imagino um grupão de mulheres sucessoras, cada vez mais sucedendo, com confiança. (...) Atuando também como advogada, trazendo conhecimento e informações para os produtores, e dentro da propriedade.” (Berta Cáceres)	
	Empreendedorismo	“Eu quero ser produtora... quero ter uma propriedade autossustentável. Quero mostrar que dá certo trabalhar de forma sustentável. Acho que tentaria conciliar produção e liderança. Quanto mais, melhor... e eu consigo dar conta.” (Ada Lovelace)	2/12
	Liderança sindical	“Com certeza, hoje eu almejo um papel de liderança. (...) Uma Secretária de Agricultura, um Sindicato. (...) Quero mobilizar mais pessoas, assim como eu tive oportunidade. Quero ajudar outras pessoas, como eu fui ajudada.” (Vandana Shiva)	1/12
Redirecionamento profissional	“Eu penso muito em ir pra área acadêmica. Seguir mestrado, doutorado, e voltar para ser docente. (...) Também penso em ter algo meu... uma área própria de produção... trabalhar com projetos para cooperativas e associações.” (Marie Curie)	1/12	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Quadro 9 (ver Apêndice H) sistematiza as perspectivas de futuro das jovens, mostrando como elas projetam suas trajetórias a partir da experiência acumulada até aqui. As falas indicam quatro movimentos principais: (i) crescimento profissional (Bertha Lutz, Elinor Ostrom, Patrícia Medici, Berta Cáceres, Rachel Carson e Dorothy Hodgkin), (ii) empreendedorismo (Ada Lovelace, Wangari Maathai e Vandana Shiva), (iii) liderança sindical, (Marie Curie e Carolina Bori) e (iv) redirecionar a atuação (Nísia Trindade). De modo geral, as

projeções não sugerem ruptura com o setor, mas a busca por reposicionamento e ampliação de autonomia, isto é, permanecer “de outro jeito”, com mais controle sobre a própria trajetória.

O código de crescimento profissional, presente em oito das doze entrevistas, evidencia que boa parte das jovens deseja seguir no setor, mas em posições de maior consolidação e autonomia. Esse crescimento é associado à busca por maior domínio técnico, reconhecimento profissional e ampliação das possibilidades de atuação no agronegócio. Bertha Lutz afirma que quer “*sair da parte de gestão comercial*” e ir “*para a parte técnica*”, tanto em seu empreendimento quanto apoiando outros, especialmente no interior, onde percebe falta de assessoria, reforçando o papel da extensão e assistência técnica como campo de realização. Elinor Ostrom projeta a seguir na gestão, reconhecendo o desafio, mas encarando-a de forma positiva. Patrícia se imagina na fazenda, cuidando dos animais, aprimorando o laticínio e levando o queijo da família a outros estados. Berta Cáceres visualiza “*um grupo de mulheres sucessoras, cada vez mais sucedendo, com confiança*”, aproximando sua perspectiva das discussões sobre sucessão feminina e novas lideranças rurais (Brumer, 2004; Beltramini *et al.*, 2022).

Raquel Carson, por sua vez, mesmo após o redirecionamento de sua trajetória profissional, projeta-se como “*uma grande produtora*”, indicando que o vínculo com a terra e com a atividade produtiva permanece como horizonte de futuro. Dorothy Hodgkin e Carolina Bori também expressam o desejo de ampliar e qualificar sua atuação, seja por meio da expansão da consultoria, da diversificação de temas ou da manutenção do contato direto com o produtor. O que se observa, portanto, é que “crescer” aparece como estratégia de permanência: ao buscar autonomia e consolidação, as jovens também buscam reduzir vulnerabilidades e ampliar sua capacidade de escolha dentro do setor.

O código de empreendedorismo, embora presente em apenas duas entrevistas, aponta para trajetórias que combinam protagonismo individual, autonomia e projetos próprios. Ada Lovelace deseja ser produtora de uma propriedade auto sustentável e conciliar produção com liderança, expressando confiança ao dizer que “*quanto mais melhor... e eu consigo dar conta*”. Wangari Maathai projeta a criação de uma empresa de consultoria própria, valorizando a autonomia em relação a vínculos institucionais e a formalização de sua atuação profissional. Essas projeções dialogam com a literatura que aponta o fortalecimento do empreendedorismo feminino no agro (FAO, 2021; Beltramini *et al.*, 2022), indicando que, para algumas jovens, empreender é também uma forma de contornar barreiras institucionais e redesenhar o espaço de atuação com mais controle e segurança.

A liderança sindical, identificada em apenas uma entrevista, aparece de forma explícita na fala de Vandana Shiva, que almeja ocupar espaços como Secretarias de Agricultura ou Sindicatos, com o objetivo de “*mobilizar mais pessoas*” e ampliar oportunidades para outros jovens, reproduzindo o apoio que recebeu ao longo de sua trajetória. Embora minoritária em termos de recorrência, essa perspectiva revela o desejo de atuação política e institucional como forma de transformação do meio rural. Aqui, a permanência se conecta à intenção de influenciar estruturas: não apenas estar no agro, mas intervir nas condições que organizam o agro e definem quem decide.

Já o código redirecionamento profissional reflete uma trajetória em que o futuro é projetado dentro do agronegócio, mas com possível deslocamento de função ou foco. Marie Curie se imagina seguindo para a área acadêmica, com mestrado, doutorado e docência, sem romper completamente com a produção e com projetos voltados a associações e cooperativas. Esse relato confirma a possibilidade de trajetórias híbridas e flexíveis, nas quais a jovem combina diferentes espaços de atuação sem, necessariamente, romper com sua identidade ligada ao campo, conforme discutido por Carneiro (2007). Esse tipo de projeção sugere que a permanência pode ocorrer por múltiplas vias e que “estar no agro” não é sinônimo de permanecer no mesmo cargo, mas de manter vínculos e sentidos com o setor.

De modo geral, o Quadro 9 mostra que, apesar das barreiras e desafios, as perspectivas de futuro das jovens são, em grande medida, propositivas e afirmativas. Elas projetam um agronegócio em que possam permanecer, crescer, liderar, empreender ou redirecionar suas trajetórias, sem romper com o setor, reafirmando o protagonismo feminino jovem no campo cearense. Essas projeções evidenciam não apenas expectativa individual, mas também construção de horizonte coletivo, especialmente quando mencionam redes de sucessoras e liderança de outras mulheres.

As análises apresentadas ao longo deste capítulo revelam que as jovens mulheres entrevistadas constroem suas trajetórias no agronegócio cearense a partir de um conjunto complexo de experiências, significados, enfrentamentos e projetos de futuro. Embora marcadas por desafios estruturais e barreiras simbólicas, elas também revelam motivações consistentes, redes de apoio e perspectivas de permanência que reafirmam o lugar da juventude feminina como agente ativa na transformação do setor. Tal dinâmica corrobora com o que Carneiro (2007) identifica como a emergência de novos sujeitos rurais, capazes não apenas de ocupar espaços, mas de ressignificar práticas e sentidos da atuação no campo.

De forma integrada, os resultados mostram que a inserção dessas jovens não ocorre de maneira linear, sendo atravessada por desigualdades de gênero, tensões geracionais e

episódios de deslegitimação e violência simbólica, como evidenciado nas discussões sobre barreiras e desafios, conforme discutido ao longo do capítulo. Ainda assim, as narrativas revelam uma potência feminina juvenil expressa no desejo de crescimento profissional, na construção de projetos diversos e na capacidade de transformar adversidades em estratégias de permanência. Ao projetarem o futuro, as entrevistadas demonstram que, mais do que ocupar posições no agronegócio, buscam redefinir seus modos de participação, atuação e pertencimento. Assim, o protagonismo feminino jovem no agro cearense se manifesta não como resultado automático de políticas ou formações, mas como um processo construído cotidianamente, no qual essas mulheres ampliam fronteiras, disputam espaços e contribuem para a renovação do campo no Ceará contemporâneo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral compreender como as jovens mulheres se inserem e atuam no agronegócio cearense, considerando os desafios e as perspectivas de futuro no setor. Para tanto, buscou-se analisar seus caminhos de inserção e atuação, as barreiras e incentivos vivenciados, bem como os projetos de futuro por elas construídos, considerando as dimensões sociais, simbólicas e institucionais que atravessam essas experiências.

A análise das entrevistas realizadas evidenciou que as jovens mulheres constroem suas trajetórias no agronegócio cearense por caminhos diversos, que incluem tradição familiar, formação técnica ou superior, oportunidades institucionais e projetos pessoais, revelando a heterogeneidade da juventude feminina no meio rural. Elas atuam em diferentes espaços e demonstram crescente protagonismo, sustentado por motivações como pertencimento, reconhecimento, resiliência e capacidade de reinvenção.

Entretanto, os resultados também apontam para a permanência de desigualdades estruturais, expressas na sobrecarga de funções, na fragilidade das condições de trabalho e, sobretudo, em barreiras simbólicas de gênero, como deslegitimação, infantilização, resistência à autoridade feminina e situações de assédio, especialmente agravadas pela condição de ser mulher e jovem. Ainda assim, as perspectivas de futuro revelam trajetórias múltiplas, que envolvem permanência e crescimento no agro, empreendedorismo, atuação em consultoria, liderança, inserção acadêmica ou redirecionamento de funções, indicando que essas jovens não apenas ocupam o agronegócio, mas contribuem ativamente para sua ressignificação e renovação.

No que se refere às contribuições desta pesquisa, o estudo oferece avanços relevantes no campo acadêmico ao aprofundar a compreensão sobre a juventude feminina no agronegócio cearense, temática ainda pouco explorada de forma específica na literatura nacional, especialmente em contextos regionais do Nordeste brasileiro. Ao articular as dimensões de juventude, gênero e agronegócio a partir de evidências empíricas qualitativas, a pesquisa contribui para o preenchimento de lacunas existentes nos estudos sobre o rural contemporâneo, que, em sua maioria, abordam os desafios das mulheres no setor sem considerar as especificidades da juventude ou as trajetórias de inserção, atuação e perspectivas de futuro. Como desdobramento desses achados, a pesquisa também apresenta contribuições de natureza institucional e prática, ao indicar a necessidade de fortalecer iniciativas de formação e liderança, como o CNA Jovem, com recortes e ações específicas para mulheres, bem como de desenvolver mecanismos institucionais de prevenção e enfrentamento ao assédio, práticas de gestão que

reduzam a sobrecarga de funções e ações educativas voltadas à equidade de gênero, além da ampliação do acesso das jovens a redes de apoio.

Quanto às limitações da pesquisa, destaca-se o número restrito de participantes, o que não permite a generalização dos resultados para a totalidade das jovens mulheres inseridas no agronegócio cearense. Soma-se a isso o recorte territorial do estudo, concentrado em um único estado, o Ceará, o que pode limitar a abrangência das análises diante da diversidade regional do agronegócio brasileiro. A seleção das entrevistadas ocorreu por meio de amostragem intencional, a partir de acesso mediado pela rede profissional da pesquisadora, o que pode ter influenciado o perfil das trajetórias analisadas.

Diante desse cenário, sugere-se que pesquisas futuras ampliem o recorte territorial da investigação, contemplando diferentes estados e regiões, de modo a identificar especificidades locais e comparar como os contextos influenciam as trajetórias da juventude feminina no agronegócio. Recomenda-se, ainda, aprofundar a análise sobre mulheres que se afastaram do setor ao longo de suas trajetórias, buscando compreender fatores de exclusão e descontinuidade. Adicionalmente, estudos que incorporem recortes como raça e classe social podem ampliar a compreensão sobre as desigualdades que atravessam a juventude feminina no campo. De forma complementar, estudos que articulem sucessão familiar, identidade feminina, tecnologia e inovação, bem como investigações sobre políticas públicas e programas institucionais, podem contribuir para ampliar a compreensão sobre as transformações em curso no agronegócio contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo; SILVA, Roberto J.; VEIGA, José Eli da. **Juventude e agricultura familiar: desafios da sucessão rural**. Brasília: UNESCO, 1998. Disponível em: <https://precog.com.br/bc-texto/obras/ue000152.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.
- AROEIRA, Tarciana Oliveira da Silva. Botina e batom: mulheres que fazem o agro andar – o protagonismo das mulheres rurais em contextos de desigualdade e inovação no campo. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v.7, n.8, p.1-21, 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev7n8-251>.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELTRAMINI, Luisa de Moraes; CEPellos, Vanessa Martines; PEREIRA, Jussara Jéssica. Mulheres jovens, “teto de vidro” e estratégias para o enfrentamento de paredes de cristal. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, São Paulo, v. 62, n. 6, p. 1–25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020220608>.
- BERLATO, Heliani; ANDRETTA, Danilo; FERNANDES, Thais. “Não se nasce mulher, torna-se”: impressões das mulheres sobre a carreira no agronegócio e seus espaços. **Brazilian Business Review – BBR**, Espírito Santo, v. 20, n. 5, p. 485-499, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15728/bbr.2022.1224.pt>.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BREITENBACH, Raquel. Jovens mulheres rurais estudantes das ciências agrárias: não querem ou não têm oportunidade de serem sucessoras? **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 62, n. 1, e262212, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2022.262212>.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação das mulheres na agricultura do Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205–227, jan./abr. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>.
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537–572, set./dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>.
- CARNEIRO, Maria José. **Mulheres rurais e identidades de gênero**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: novos sujeitos sociais no campo. In: SILVA, José Graziano da (org.). **O novo rural brasileiro**. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 91–110.
- CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA). **Participação de mulheres no agro cresce; 68% se mostram satisfeitas com o emprego**. Cepea/Esalq/USP, 2023. Disponível em: <https://www.cepea.org.br/br/releases/cepea-participacao-de-mulheres-no-agro-cresce-68-se-mostram-satisfeitas-com-o-emprego.aspx>. Acesso em: 11 out. 2025.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA). **Comissão Nacional das Mulheres do Agro**. Brasília: CNA, 2025. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/areas-de-atuacao/mulheres-do-agro>. Acesso em: 6 out. 2025.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA). **CNA Jovem**. Brasília: CNA, 2023. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/projetos-e-programas/cna-jovem>. Acesso em: 12 out. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review, Stanford**, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 26 out. 2025.

CRESWELL, John W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

DEERE, Carmen Diana; LEÓN, Magdalena. **Gênero, propriedade e empoderamento: terra, Estado e mercado na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia rural**. São Paulo: Atlas, 2008.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO DO CEARÁ (FAEC). Comissão Estadual de Mulheres do Agro: **relatório institucional**. Fortaleza: FAEC, 2025.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **Relatórios sobre gênero e agricultura familiar no Brasil destacam iniciativas de mulheres em agroindústrias artesanais e cooperativas**. Brasília: FAO, 2019. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1186043/>. Acesso em: 13 out. 2025.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **The status of women in agrifood systems**. Rome: FAO, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4060/cb4476en>.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 5, n. esp., p. 183–196, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/C5TyphygpYbyWmdqKJCTMkN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HENNINK, M., & KAISER, B. N. (2022). Sample sizes for saturation in qualitative research: A systematic review of empirical tests. **Social Science & Medicine**, 292, 114523. DOI: [10.1016/j.socscimed.2021.114523](https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114523).

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/resultados-censo-agro-2017/resultados-definitivos.html>. Acesso em: 10 out. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Desigualdades regionais e desenvolvimento rural no Brasil**. Brasília: IPEA, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/series/dccc4484-2168-4b80-86bd-9fac12604026/full>. Acesso em: 23 set. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Perfil Socioeconômico dos Municípios Cearenses 2023**. Fortaleza: IPECE, 2023. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil-municipal/>. Acesso em: 13 out. 2025.

LOBLEY, Matt; BAKER, John. Succession and retirement in family farm businesses. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 52, n. 4, p. 432–451, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2012.00565.x>.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Anuário estatístico da agropecuária brasileira**. Brasília: MAPA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura>. Acesso em: 16 set. 2025.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Detalhes do Ecossistema**. Brasília: MAPA, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inovacao/mapaconecta/ecossistemas/ceara/detalhes-ecossistema>. Acesso em: 13 out. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MONTEIRO, Rodrigo; MUJICA, Franklin Peña. A identidade sociocultural do jovem agricultor na vitivinicultura familiar e sua relação com a sucessão rural. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 60, n. spe, e235637, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.235637>.

OLIVEIRA, Júlio César; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Juventude rural e mercado de trabalho no Brasil**. Brasília: IPEA, 2019. (Texto para Discussão, n. 2476). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34724. Acesso em: 10 out. 2025.

PANNO, Fabrício. Sucessão rural e reprodução social da agricultura familiar. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 89–112, 2016. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/658>. Acesso em: 1 nov. 2025.

PAULILO, Maria Ignez; BRUMER, Anita (org.). **Mulheres rurais: experiências e desafios**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

PIZZINATO, Adolfo; PETRACCO, Milene Mabilde; HAMANN, Cristiano; CÉ, João Pedro; ROSA, Eduarda Noal. Juventude feminina do meio rural: sentidos sobre educação e

perspectivas sobre futuro. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 41–51, jan./abr. 2017. DOI: [10.1590/2175-3539/2017/02111066](https://doi.org/10.1590/2175-3539/2017/02111066).

RIGO, Vitória; BREITENBACH, Raquel; BRANDÃO, Janaína Balk; *et al.* Pode ser mulher? Desafios no mercado de trabalho do agronegócio. **Mundo Agrário**, v. 26, n. 61, e269, p. 1-20, abr./jul. 2025. DOI: <https://doi.org/10.24215/15155994e269>. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.19081/pr.19081.pdf. Acesso em: 1 out. 2025.

SCHNEIDER, Sérgio. **A nova agricultura familiar: entre a tradição e a inovação**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO DO CEARÁ (SDA). **Observatório: Censo Agropecuário subestima participação das mulheres**. Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.sda.ce.gov.br/2020/03/09/observatorio-censo-agropecuario-subestima-participacao-das-mulheres/>. Acesso em: 11 out. 2025.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **A força do empreendedorismo feminino no agronegócio**. Brasília: SEBRAE, 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-forca-do-empreendedorismo-feminino-no-agronegocio,d617306892316810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 15 out. 2025.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. In: PAULILO, M. I.; BRUMER, A. (org.). **Mulheres rurais: experiências e desafios**. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Jovens mulheres rurais e sucessão familiar: entre a permanência e a invisibilidade. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 56, n. 3, p. 557–576, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1234-56782018000300008>.

VEDANA, Roberta; *et al.* Empoderamento feminino na agricultura: um estudo na Lar Cooperativa Agroindustrial (PR). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 61, n. 2, e237944, 2022/2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.237944>.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Apresentação e consentimento: Olá! Meu nome é Leticia Vivian e esta entrevista faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Administração, na Universidade Federal do Ceará. O estudo busca compreender a inserção, os desafios e as perspectivas de futuro de jovens mulheres que atuam no agronegócio cearense.

Essa conversa é voluntária e confidencial. As informações que você compartilhar serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, e nenhuma participante será identificada pelo nome.

A entrevista será gravada apenas para garantir que nada do que você disser se perca e será usada apenas para transcrição e análise da pesquisa.

Antes de começarmos, peço que você responda com “sim” ou “não” às seguintes perguntas:

- Você concorda em participar desta pesquisa?
- Você autoriza a gravação da conversa para fins acadêmicos?
- Você tem alguma dúvida?

Bloco 1 - Identificação da participante

- Idade:
- Município de residência:
- Escolaridade:
- Área de atuação no agronegócio (produção, gestão, assistência técnica, comercialização, associativismo, outros):
- Tempo de atuação no setor:

Bloco 2 - Questões norteadoras da entrevista

→ Inserção e trajetória no agronegócio

- Como começou sua trajetória no agronegócio?
- Quais são as principais atividades que você realiza no seu trabalho?
- Como você avalia o seu trabalho e a sua atuação dentro do agronegócio?

→ Desafios e experiências

- Quais dificuldades você enfrenta no seu dia a dia de trabalho?
- Já passou por alguma situação desafiadora ou diferente por ser mulher no agronegócio? Pode relatar?
- Quais condições do agronegócio cearense tornam seu trabalho mais difícil?

→ **Perspectivas e futuro**

- O que tem contribuído para que você queira continuar ou assumir um papel mais ativo no agronegócio?
- Que incentivos (familiares, institucionais, pessoais) você considera importantes?
- Como você imagina seu futuro dentro do agronegócio cearense?

Encerramento: Antes de finalizarmos, gostaria de saber: há algo que você queira acrescentar, ou algum aspecto que não abordamos e que considere importante compartilhar sobre sua experiência como mulher jovem no agronegócio?

Agradeço muito por ter participado e compartilhado sua vivência. Suas contribuições são fundamentais para esta pesquisa e ajudam a dar mais visibilidade às mulheres que constroem o agro cearense todos os dias.

**APÊNDICE B – QUADRO DA CATEGORIA INSERÇÃO DAS JOVENS MULHERES
NO AGRONEGÓCIO**

Categoria	Código	Citação (trecho original)	Recorrência
Inserção no Agro	Herança e tradição familiar	<p>“Eu sou filha de produtor, neta de produtor, então minha relação já vem de família mesmo. Então, quando eu comecei, foi muito por influência deles, da minha família. Minha família é de Pentecoste, minha família tem um sítio, então, na minha cabeça, eu iria trabalhar em Pentecoste e trabalhar no sítio da minha família.” (Nísia Trindade)</p> <p>“Eu sou filha de agricultores, neta de agricultores, bisneta de agricultores, minha família toda foi sempre voltada para isso. A gente produzia mais para a subsistência e ainda hoje produz para subsistência. Meu pai é um dos poucos produtores de arroz ainda em Várzea Alegre... Então, desde pequena, eu tive esse carinho especial pela terra, pelas plantas, pela produção, pela plantação. Eu queria entrar nesse mundo de forma mais profissional.” (Ada Lovelace)</p> <p>“Meus pais são agricultores, pequenos pecuaristas, então, assim, eu acho que quando você já nasce nesse meio, parece que já tá no sangue, né? Você pode rodar o mundo todo, mas aquilo tá no sangue e você volta pra aquilo ali.” (Bertha Lutz)</p> <p>“Através do meu pai, que é produtor rural, comecei a sucessão no ano passado. Aí começou a minha relação em ser advogada agrarista e em ir para o agronegócio.” (Berta Cáceres)</p>	4/12
	Formação acadêmica e técnica	<p>“Foi a primeira vez que surgiu no IFCE de Ubajara o curso Tecnologia em Agroindústria. Era um curso muito novo e desconhecido na região... Aí, no caso, eu entrei em 2016 na Tecnologia em Agroindústria. No início, eu entrei realmente sem saber, porque era um curso muito novo e muito recente para a região.” (Wangari Maathai)</p> <p>“Primeiro, né, eu entrei na universidade, me formei na UFC, mas antes de entrar na UFC eu estudei um ano e meio na UFERSA, aí depois transferi para a UFC. Assim que eu finalizei meu período de estágio, eu já fui contratada. Então, assim, eu já saí da universidade entrando no mercado de trabalho.” (Elinor Ostrom)</p> <p>"Minha trajetória com o agro não tinha muito a ver, porque eu moro na cidade, sou natural de Iguatu, né? E em 2012, eu por algum motivo resolvi que queria fazer técnico em agropecuário. O motivo esse nem eu entendia, mas eu queria. Sabia que a escola federal era muito boa. Então, eu fiz a prova, concluí em 2015 e aí veio o início de tudo." (Vandana Shiva)</p> <p>“Eu entrei realmente a partir da minha graduação. Sou engenheira de pesca. (...) Depois que eu fiz a graduação, eu tive a oportunidade de me inserir dentro do mercado de trabalho na minha profissão. Porém, por outros motivos, eu não consegui realmente me inserir.” (Rachel Carson)</p>	7/12

		<p>“A minha história com a agronomia começou ainda no ensino médio. Eu trabalhei com alguns projetos de pesquisa, com hortas hidropônicas. (...) Eu descobri a agronomia, descobri que tinha um curso perto... então decidi vir pra cá. (...) Durante a graduação fiz pesquisa, extensão, monitoria... e logo que saí eu me inscrevi em um programa de residência agrícola pelo Ministério da Agricultura. (...) Fui selecionada antes mesmo de colar grau e fui efetivada.” (Marie Curie)</p> <p>“Minha trajetória iniciou com o estágio que eu fiz em um sítio orgânico, Sítio Carcará. (...) Nesse estágio já iniciei a trabalhar, tanto no sítio como na empresa em que atuo hoje. (...) Quando foi na metade de 2019, tive uma oportunidade de um treinamento pela maior certificadora do Brasil. (...) Me especializei nesse tema. (...) Quando eu saí da universidade, eu já estava atuando na área.” (Dorothy Hodgkin)</p> <p>“Quando eu fiz o Enem, eu tentei para zootecnia... e quando foi no último dia, eu troquei para a agronomia e aí deu certo. Então eu digo que foi uma coisa assim, muito que eu fui escolhida pela agronomia, não foi nem eu que escolhi ela.” (Carolina Bori)</p>	
	<p>Transição profissional e mudança de área</p>	<p>"Eu sempre gostei muito do agro, só que meu pai, uma pessoa mais antiga, tinha a mentalidade de que o trabalho da fazenda não daria retorno, que não queria a gente. Ai é tanto que eu fui pra capital, cursei farmácia, sou farmacêutica, voltei pro interior, comecei a trabalhar na área. Só que onde eu trabalhava, fechou o negócio. E hoje a gente tem, a gente produz o nosso leite, o nosso próprio leite, a gente faz o queijo." (Patrícia Medici)</p>	<p>1/12</p>

**APÊNDICE C – QUADRO DA CATEGORIA ATUAÇÃO DAS JOVENS MULHERES
NO AGRONEGÓCIO**

Categoria	Código	Citação (trecho original)	Recorrência
Atuação no Agro	Atuação técnica	<p>“Eu desenvolvo a parte técnica, e os técnicos me procuram para tirar dúvidas de conhecimento geral da área. Eu acompanho as propriedades, verifico as atividades que estão sendo implementadas e oriento quando necessário. Sou supervisora de nove cidade (...) Acompanho o trabalho dos técnicos nessas regiões, sempre orientando, ajustando e ajudando na parte técnica.” (Ada Lovelace)</p> <p>“Eu fiquei 3 anos trabalhando dentro da EMATERCE como agente rural, técnico em agroindústria. (...) Sempre atuei na extensão rural. (...) Hoje eu estou trabalhando na Secretaria de Agricultura de São Benedito. Lá, eu não consigo ser exatamente só assistência rural... mas ainda faço essa parte, porque as associações me procuram com dúvidas que aprendi durante o curso.” (Wangari Maathai)</p> <p>“Hoje, eu trabalho com um grupo de produtores... tenho 115, 120 produtores aptos a trabalharem com o Programa de Atenção de Alimentos. (...) A gente tem um acompanhamento que é quase um acompanhamento social... CAF, documentação, se mudou, se está produzindo, se está precisando de curso.” (Vandana Shiva)</p> <p>“Eu tô com meu noivo na produção de maracujá. Aí eu sinto vontade de fazer uma formação na parte de agronomia... mas atualmente eu tô na parte da produção com ele. (...) Realmente eu tô ali na batalha com ele. Pegando na terra.” (Rachel Carson)</p>	4/12
	Gestão	<p>“O setor nasceu junto comigo. Hoje, minha maior entrega é o plano de abastecimento da empresa. Todos os plantios que vão acontecendo de janeiro a dezembro... esse ano eu já entreguei o plano de abastecimento de 2026. Eu tô responsável por todo o feijão que a gente vai vender no ano. Toda a tomada de decisão passa por mim. (...) Liderando e coordenando os meninos e coordenando os produtores.” (Nísia Trindade)</p> <p>“A gente tem um comércio, né? Um comércio de hortifrute. Então, tudo que sai lá do sítio, a gente já comercializa no próprio comércio mesmo. (...) Eu gosto de colocar a mão na massa, mas fico mais no gerencial. (...) O meu forte mesmo é a comercialização, a venda. (...) Depois que eu entrei, a gente decidiu formar um rótulo, formar uma marca do nosso sítio, pra realmente expandir no mercado.” (Bertha Lutz)</p> <p>“Hoje eu tô na parte de gestão. (...) Eu fico mais responsável pela parte do comercial, então treinamento da equipe, dos produtores... essa parte de assistência também, na parte de suporte... porque a gente faz um pouco de tudo, né, startup. (...) Por mais que a gente vá pro campo algumas vezes, hoje eu tô mais na parte administrativa.” (Elinor Ostrom)</p>	6/12

		<p>“Eu trabalho com a mobilização de cursos do Sindicato Rural... bovinocultura leiteira, equinocultura, piscicultura... e, dentro do Sindicato, a parte administrativa e financeira. Então, é uma gestão mesmo.” (Vandana Shiva)</p> <p>"No dia a dia é aquele negócio, né? Pagar funcionário, pagar diarista, olhar boleto, dar de conta de todo o financeiro da fazenda, compra de ração, compra de insumos, de materiais, tudo isso é comigo. Aí no curral, o que a gente faz? O pai sempre precisa de gente. A gente entra, ajuda com o animal, nem que seja tangendo, tirando do curral. Ajudo também no queijo, que eu não sabia fazer queijo, já tô aprendendo. Todas as áreas a gente tá adentrando." (Patrícia Medici)</p> <p>“Gestora comercial, marketing, jurídico da fazenda, faço tudo que o meu pai manda, e a função de advogada. (...) É a parte mais gerencial.” (Berta Cáceres)</p>	
	<p>Consultoria e certificações</p>	<p>“Eu faço um pouco de todo o processo de certificação. Atuo na certificação orgânica, certificação de comércio justo, certificação para grandes empresas. (...) Tem cliente que atuo mais com gestão e base documental... e tem projetos que vou para campo, porque sou equipe técnica e trabalho diretamente com produtores. (...) Organizo informações, reviso documentos, monto sistema de controle interno...” (Marie Curie)</p> <p>“Hoje realizo principalmente certificação de grupo de produtores. Sejam cooperativas, associações, assentamentos, ONGs. (...) Faço adequação documental... fico como gestora. Reviso o trabalho dos meninos, dou treinamento e também atuo em campo, mas de forma mais pontual. (...) Meu trabalho hoje é mais de gestão de sistema de controle.” (Dorothy Hodgkin)</p> <p>“Trabalho numa empresa de consultoria que auxilia os produtores a conseguirem o certificado de produto orgânico ou de qualquer outro tipo de certificação. (...) Meu trabalho principal é dentro da certificação de grupo... a gente faz esse processo de intermédio entre as atividades do produtor e a certificadora.” (Carolina Bori)</p>	<p>3/12</p>

**APÊNDICE D – QUADRO DA CATEGORIA DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS
JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO**

Categoria	Código	Citação (trecho original)	Recorrência
Desafios	Acúmulo de funções	“Acho que uma dificuldade também é o excesso de coisas. Eu adoeci, na verdade, porque são muitos papéis e é muito difícil pra mim entender onde eu tô. Às vezes estou resolvendo agro, aí surge demanda da produção e eu tenho que parar tudo. Eu entro nos problemas de outros setores sem querer, querendo... porque não existe setorização.” (Nísia Trindade)	3/12
		“Eu estou muito na parte administrativa porque tem muitos eventos... ofícios, demandas. (...) As associações me procuram para ajudar com coisas da agroindústria, só que não posso ajudar tanto por ter outras demandas administrativas. O principal desafio é atuar realmente na área, que fica meio impossível às vezes.” (Wangari Maathai)	
		“Às vezes a dificuldade é a alta demanda. Temos muita demanda. (...) Saí antes do TCC porque estava muito sobrecarregada, mas voltei logo depois.” (Dorothy Hodgkin)	
	Resistência e falta de cooperação de técnicos e produtores	“No começo, foi uma peleja, porque eles não confiavam em mim. Eles achavam que eu tava lá pra mandar neles. Eles têm muita dificuldade de aceitar mudança de processo... eles detestam processo. Às vezes um não fala com o outro... parecem umas crianças... e vêm na minha mesa pedir pra eu resolver coisas que eles mesmos deveriam resolver.” (Nísia Trindade)	8/12
		“A maioria dos meus técnicos são homens... e a maioria dos produtores também. Meus técnicos tiveram resistência quando souberam que eu sou supervisora deles, por ser mais nova e por ser mulher. Teve um técnico que expôs que não sentia confiança nem segurança em mim, porque eu era muito imatura e crua para ser supervisora dele.” (Ada Lovelace)	
		“Tirei uma dúvida com uma associação... eu falei que aquilo era um erro de armazenamento e não levaram em consideração. (...) Ela não acreditou na minha fala.” (Wangari Maathai)	
		“Eu acho que principalmente os pequenos produtores... aqueles que não têm maior contato com tecnologia, com nível de organização maior... a gente encontra uma barreira. (...) Antes eles não conseguiam enxergar a propriedade como um negócio.” (Elinor Ostrom)	
		“Logo quando eu comecei... muitas vezes eu chegava na casa do produtor, ele olhava assim e dizia: ‘E essa menina sabe alguma coisa?’. (...) Quando a gente ia fazer um manejo... avicultura, apicultura... eles diziam ‘Ah, essa menina sabe’ somente depois que viam na prática.” (Vandana Shiva)	

		<p>“São ideias muito antigas... ainda que, infelizmente, permaneçam no nosso cotidiano. (...) A gente tem capacidade suficiente... mas tem situações que acontecem que acabam fazendo com que a gente dê um passo para trás.” (Rachel Carson)</p> <p>“Os produtores não levavam muito a sério... acontecia muito no começo. Eu era muito nova, pequena, e tinha aquela coisa de ‘ah, chegou aqui e não sabe o que está fazendo’. (...) Ainda existe atraso de informação porque as pessoas não querem me responder. Dependo do retorno deles e não vem.” (Marie Curie)</p> <p>“Quando eu ou as meninas entramos em contato, a gente não tem retorno... ou eles retornam de qualquer forma. Quando um outro colaborador (homem) da empresa entrou em contato... tivemos um retorno totalmente diferente.” (Carolina Bori)</p>	
	<p>Comunicação difícil e falhas de diálogo</p>	<p>“Com o produtor eu converso de um jeito, mas com o apanhador eu tenho que mudar totalmente a linguagem. Às vezes tenho que repetir várias vezes, adaptar, explicar... é difícil a comunicação. Alguns não querem ir para treinamento, não querem participar de nada.” (Nísia Trindade)</p> <p>“Eles acham que a gente tem que saber tudo. Às vezes perguntam algo que não é da nossa área, e se você não souber, eles interpretam como incompetência. A comunicação com alguns produtores é bem difícil... às vezes não entendem o que a gente fala ou acham que a gente está ‘mandando’.” (Ada Lovelace)</p> <p>“Na EMATERCE, a gente aprendeu a se comunicar com os agricultores, a importância do feedback... mas, na prática, é muito mais complicado. Sempre precisa de experiência e adaptação.” (Wangari Maathai)</p> <p>“Eu disse o que era... expliquei... mas ela não ficou só na minha fala. Foi ouvir alguém mais acima. Isso me incomodou bastante.” (Wangari Maathai)</p> <p>“Essa questão da comunicação... antes a gente percebia mais essa barreira em relação a contato, comunicação, divulgar essa parte de marketing. (...) Produtores que não têm tanto contato com tecnologia... isso impacta.” (Elinor Ostrom)</p> <p>“Falar que meu pai é mais velho e nossos funcionários são todos homens... é complicado escutar uma mulher. (...) A gente trabalha com um rapaz que faz as coisas... e ele sempre chega atrasado. A gente vai conversar e ele dá as costas. Ele não me escuta.” (Patrícia Medici)</p> <p>“Eles não escutam o que as mulheres falam. (...) Mesmo em reunião, ainda é muito machista. (...) Quando a gente vai falar, eles não escutam.” (Patrícia Medici)</p>	<p>6/12</p>

		<p>“Produtores só respeitam o que o homem fala e não o que a mulher tem falado. (...) A parte mais difícil é o tratamento que não é igual... porque às vezes quando eles veem a presença de uma mulher dentro daquele trabalho, eles já não consideram o que está sendo dito. (...) Quando você repassa a informação, ela é questionada. Mas quando um homem repassa, não é questionada... é como se fosse uma verdade absoluta.” (Carolina Bori)</p>	
	<p>Condições difíceis do campo</p>	<p>“Eu passo muito tempo fora de casa... viajo muito, às vezes fim de semana, porque o produto é perecível. Às vezes a empresa não para. Quando a gente chega na fazenda é meu Deus nos acuda.” (Nísia Trindade)</p> <p>“Eu percorro todo esse trajeto de moto... tem estradas muito ruins, entradas perigosas. Já aconteceu de eu ficar presa por causa da lama, já tive medo real de cair. Tem área que é isolada, que o celular não pega, e isso é muito perigoso quando você anda sozinha.” (Ada Lovelace)</p> <p>“O serviço do agro realmente é mais pesado. (...) Quando a gente chega lá na ponta... é meio que um banho de água fria, porque tem muitas dificuldades.” (Vandana Shiva)</p> <p>“É muito cansativo, é muito trabalho, é muito esforço. Produtor rural... a gente trabalha de domingo a domingo. Não tem folga. A vaca de leite não tira folga.” (Patrícia Medici)</p> <p>“O que pega muito no ramo do agro é as culturas, é o conservadorismo ainda. Não gosto nem de falar do machismo porque em si existe, é uma dor. Mas o conservadorismo em si, o tradicionalista ainda pega muito.” (Berta Cáceres)</p> <p>“Já tive a oportunidade de trabalhar com larvicultura de camarão... mas como tinha que morar na fazenda... trabalhar realmente com o pessoal, mais com homem... eu não consigo estar nesse meio ambiente.” (Rachel Carson)</p> <p>“Eu ainda acho muito perigoso para a mulher viajar sozinha... abrir um carro e sair fazendo visitas. É perigoso. (...) Para fazer visita eu não posso ir sozinha. Se eu for para uma estrada de terra e alguém me atacar, ninguém vai saber.” (Marie Curie)</p> <p>“Às vezes eu tenho que me deslocar sozinha, viajar sozinha... não é tão seguro como para um homem.” (Dorothy Hodgkin)</p>	<p>8/12</p>

**APÊNDICE E – QUADRO DA CATEGORIA BARREIRAS ENFRENTADAS PELAS
JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO**

Categoria	Código	Citação (trecho original)	Recorrência
Barreiras	Deslegitimação por ser mulher	“Tem fornecedor que fala grosso porque a gente é mulher mesmo. Com outro homem eu tenho certeza que ele não falaria desse jeito. Eles aproveitam eu ser muito nova e educada pra serem grossos de propósito.” (Nísia Trindade)	10/12
		“É um setor muito masculino. Quando souberam que eu era supervisora... por ser mais nova, por ser mulher... já ouvi que eu não colaborava em nada, que eu era imatura e crua. Eles não acreditam nas mulheres. Tem que se fazer valer, tem que se fazer ser ouvida.” (Ada Lovelace)	
		“A falta de confiança na mulher... esse preconceito de que a mulher não consegue liderar também.” (Wangari Maathai)	
		“Já aconteceu... e é incrível que pareça: a gente pensa que talvez o pequeno produtor tenha resistência, mas é justamente o contrário. Produtores maiores, empresários... eles têm uma barreira maior quando é mulher. (...) Já percebi isso em reuniões, sim.” (Elinor Ostrom)	
		“Inicialmente... ser muito jovem, não ter experiência e ser mulher. Porque, querendo ou não, é um público ainda dominante masculino. Produtor dizia: ‘E essa menina sabe alguma coisa?’.” (Vandana Shiva)	
		“O funcionário chega atrasado, a gente vai conversar e ele dá as costas. Ele não me escuta. Se fosse um homem, não seria assim.” (Patrícia Medici)	
		“O agro é muito machista. (...) Ele não escuta o que as mulheres falam. (...) Eles não... até quando você tá em reunião no meio do agro... tem muita mulher que sabe muito, mas mesmo assim eu acho muito machista. (...) É complicado escutar uma mulher.” (Patrícia Medici)	
		“Um fornecedor não quis falar comigo. Falou comigo no primeiro momento, mas no outro ligou pro meu pai e disse que não queria tratar comigo. (...) Eu acho que por ser mulher e jovem tem um certo impacto.” (Berta Cáceres)	
		“Já aconteceu de me ignorarem. Eu e um colega homem... e o produtor fala só com o colega homem. (...) Hoje eu insisto até a pessoa falar comigo... mas no começo acontecia bastante. (...) Tinha um produtor que respondia sempre ao meu colega, nunca a mim.” (Marie Curie)	
		“Eles estão mais acostumados com homens agrônomos... não engenheiras agrônomas atuando em campo. (...) Às vezes passo uma informação e eles recorrem para os homens para confirmar.” (Dorothy Hodgkin)	
“Já enfrentei situações de quererem me enfrentar por eu ser mulher... acreditarem que eu não vou seguir com o processo.” (Dorothy Hodgkin)			

		<p>“Produtores só respeitam o que o homem fala... não o que a mulher fala. Eles preferem dar atenção ao que está sendo falado quando o homem está falando.” (Carolina Bori)</p>	
	Assédio e hostilidade	<p>“Tinha um funcionário que começou a ficar muito agressivo... eu comecei a ter medo de ir pra lá. Era abusivo. Eu chegava em casa chorando dizendo que não voltava mais.” (Nísia Trindade)</p>	5/12
		<p>“Por exemplo, tem gerente, né? Teve gerente que teve que sair, e foi nem porque o coitado fez nada. Tipo, eu falo muito com eles. Porque eu preciso saber quando ele vai plantar, quando ele vai colher, se tá pulverizando, se não tá pulverizando. Então, tipo, o contato, ele é diário. Eu tenho que falar com eles todo dia. E aí, aconteceu uma situação da esposa de um deles não gostar. Eu fiquei “minha santa Maria”. E aí, tipo, a mulher veio brigar comigo? Veio tirar a satisfação. Ela não gostou. Aí eu fiquei desesperada.” (Nísia Trindade)</p>	
		<p>“Já passei por situações meio chatas desde a graduação... estávamos preparando umas hortas numa escola e os meninos ficaram fazendo piadas, dando cantadas. Fiquei constrangida. O professor mandou eu me vestir mais masculinizada pra evitar assédio.” (Ada Lovelace)</p>	
		<p>“Às vezes é um curso, é uma reunião, e eu mando uma mensagem... e a pessoa já tira pro pessoal: ‘muito bonita’, ‘muito não sei o quê’. (...) A pessoa já vem com intimidade, busca uma intimidade... com certeza se fosse um colega homem, ele não faria isso.” (Vandana Shiva)</p>	
		<p>“Quando me chamaram pra uma reunião... não era uma reunião. Era com segundas intenções. (...) Antes disso, eu já tive sequências de assédio. (...) Essa situação teve um impacto muito grande na minha vida profissional. Eu não consigo lidar com isso.” (Rachel Carson)</p>	
		<p>“Teve questão de assédio... já teve uma situação comigo que a empresa se posicionou e resolveu. Quando eu tentei colocar o limite, não foi resolvido. Se a empresa não tivesse colocado, não poderia se resolver.” (Carolina Bori)</p>	
	Desvantagens etárias e de gênero	<p>“Eu sou mulher e sou muito nova... então tenho duas coisas contra mim.” (Nísia Trindade)</p>	8/12
		<p>“Sou nova e sou mulher... já ouvi que por isso eu não passava confiança. Eles acham que, por serem mais velhos e experientes, sabem muito mais e que eu não deveria estar naquele cargo.” (Ada Lovelace)</p>	
		<p>“Ela não ficou só na minha fala... eu falei da formação dele (mestre, doutor), e ainda assim ela quis confirmar com outra pessoa. (...) Por a gente ser jovem... teve esse preconceito.” (Wangari Maathai)</p>	
		<p>“Ser muito jovem, não ter experiência e ser mulher. A resistência vinha dessas três coisas juntas.” (Vandana Shiva)</p>	

		<p>“Por ser mulher e jovem tem um certo impacto. Tem pessoas que me recebem de braços abertos, outras que não.” (Berta Cáceres)</p>	
		<p>“Eu era muito nova, pequena... e eles não confiavam muito na experiência da pessoa. (...) Hoje acontece menos, porque já tenho experiência... mas antes era muito forte.” (Marie Curie)</p>	
		<p>“Essas questões de confiança... acontece menos hoje porque não estou tanto no campo, mas já enfrentei bastante isso.” (Dorothy Hodgkin)</p>	
		<p>“Um produtor falou assim: ‘Aquela menina’. Foi de uma forma pejorativa. Às vezes sinto isso... esse tratamento de ‘a menina’, como se eu fosse menor ou incapaz.” (Carolina Bori)</p>	

**APÊNDICE F – QUADRO DA CATEGORIA MOTIVAÇÕES DAS JOVENS
MULHERES PARA PERMANECER NO AGRONEGÓCIO**

Categoria	Código	Citação (trecho original)	Recorrência
Motivação	Transformação da comunidade	“É tão massa ver a transformação... ver que a gente consegue transformar a vida das pessoas. A gente conseguiu plantar o ano inteiro... eles conseguiram trabalhar o ano inteiro... isso me motiva.” (Nísia Trindade)	10/12
		“São esses pequenos produtores que me fazem querer continuar... que me fazem relevar essas situações e não desistir. Ver eles crescendo, melhorando, isso me motiva muito.” (Ada Lovelace)	
		“Quero ir mesmo pra parte técnica, assim, de estar dentro da parte técnica mesmo. De estar atuando na parte técnica. Tanto no meu empreendimento, como também ajudando outros, que eu sei que existe essa dificuldade. Principalmente no interior. (...) Eu vejo que não tem essa assessoria.” (Bertha Lutz)	
		“É muito bom trabalhar com produtores... a gente vê que realmente faz diferença na vida deles. (...) Eles não tinham nenhum nível de organização... não sabiam nem quanto gastavam, quanto vendiam. Quando começam a visualizar aqueles dados... para mim é muito gratificante.” (Elinor Ostrom)	
		“A Feira da Agricultura Familiar... quando terminou, eu vi que os agricultores... pessoas atendidas por mim... estavam lá. Eu disse: ‘Eu estou no lugar certo’. Ver uma produtora minha vender tudo... voltar para casa com dinheiro... é maravilhoso. (...) Eu faço a diferença na vida daquelas pessoas.” (Vandana Shiva)	
		“O negócio era do meu pai. O negócio é meu e dos meus irmãos. E a gente só quer melhorar, agregar junto com ele novas ideias, novas tecnologias. E a gente tá conseguindo colocar na fazenda.” (Patrícia Medici)	
		“É a vontade de mudar... porque eu como nunca tive o agro como prioridade, agora eu tenho. (...) O vínculo afetivo que eu vejo o meu pai todos os dias trabalhando e construindo... mesmo na seca, na chuva ele tá lá. Acho que foi isso.” (Berta Cáceres)	
		“Eu sempre tive muita vontade de trabalhar na parte de extensão, de ajudar o produtor rural, de estar realmente no dia a dia.” (Rachel Carson)	
“Os projetos que eu atuo mudam muito a realidade do produtor. (...) Às vezes vou um ano na casa do produtor... no outro ano eles construíram ou reformaram a casa. A mudança na qualidade de vida deles é algo que me move.” (Dorothy Hodgkin)			

	<p>“O que me faz continuar é ver o retorno que os produtores têm com o nosso trabalho. A gente consegue ver as vidas que estão sendo impactadas... muitos produtores não estavam conseguindo manter a certificação por dificuldade, por não ter alguém da família que pudesse tomar a frente disso. (...) A parte agrônômica não me prende, mas a parte mais social da coisa me segura mais.” (Carolina Bori)</p>	
Identificação profissional	<p>“Eu amo o agro. Eu amo a minha profissão. Eu amo ser agrônoma.” (Nísia Trindade)</p> <p>“Eu não sei o que seria de mim sem o agro. Depois que entrei na graduação, a gente se tornou carne e unha... não tem como tirar o agro de mim.” (Ada Lovelace)</p> <p>“Acho que o desejo de sempre ser do agro, né? Sempre, desde quando nasci. Meus pais são agricultores, pequenos pecuaristas... quando você já nasce nesse meio, parece que já tá no sangue. (...) Quando eu decidi, quero retornar pro meu local, pras minhas raízes.” (Bertha Lutz)</p> <p>“Eu gosto muito da área... principalmente trabalhar com pequenos produtores. (...) Eu tenho muito essa mentalidade do que a gente ganha na universidade... a gente precisa devolver para a sociedade.” (Elinor Ostrom)</p> <p>“Para mim, o agro mudou a minha vida. (...) Eu gosto muito do que eu faço.” (Vandana Shiva)</p> <p>“Eu tô apaixonada dentro desse ano. (...) Gosto mais de lidar com os animais, com leite, do que lidar com a farmácia.” (Patrícia Medici)</p> <p>“Eu acho que eu me apaixonei, me apaixonei de fato pelo ramo.” (Berta Cáceres)</p> <p>“É um desejo pessoal. Eu sempre quis realmente trabalhar com agro.” (Rachel Carson)</p> <p>“Eu me identifico muito com a parte de consultoria. (...) É um trabalho que gosto muito.” (Dorothy Hodgkin)</p>	9/12
Realização profissional e crescimento	<p>“Eu tenho muito orgulho da construção que a gente teve... foi uma longa trajetória até conquistar a confiança deles.” (Nísia Trindade)</p> <p>“É justamente para mostrar que a mulher também pode... demonstrar a importância da mulher no campo, porque às vezes é muito menosprezado.” (Wangari Maathai)</p> <p>“Eu iniciei um trabalho junto com um colega... e depois assumi sozinha. Foi muito gratificante ter devolvido esse conhecimento dentro do meu município.” (Elinor Ostrom)</p> <p>“Mobilizar, ajudar outras pessoas... isso para mim é muito gratificante. (...) A prática, o dia a dia... é isso que faz você crescer.” (Vandana Shiva)</p> <p>“A gente ganhou a nossa primeira medalha do queijo... foi o primeiro queijo premiado do pai.”</p>	7/12

		<p>Eu disse: ‘É isso que eu quero’. ‘É isso onde eu vou’. Tá dando certo.” (Patrícia Medici)</p>	
		<p>“Hoje eu sou mais desbocada... já cheguei no nível que digo ‘não, cinco anos, não dá mais’. Agora eu imponho, insisto... desenvolvi mais segurança.” (Marie Curie)</p>	
		<p>“Algo que me move muito no futuro é seguir esse propósito... um patamar mais de gestão. (...) Esse ano já lidei um pouco mais com cooperativismo... e gostei muito.” (Dorothy Hodgkin)</p>	

APÊNDICE G – QUADRO DA CATEGORIA INCENTIVOS À PERMANÊNCIA DAS JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO

Categoria	Código	Citação (trecho original)	Recorrência
Incentivos	Apoio familiar	“O incentivo da minha mãe, principalmente... ela nunca desistiu de mim. Ela dizia: ‘Eu não consegui, mas quero que você vá cada vez mais longe’. Isso foi essencial pra eu continuar.” (Ada Lovelace)	6/12
		“É mais a família mesmo. (...) Eu sou a filha mais nova e acredito que carrego um peso maior. É mais influência familiar.” (Wangari Maathai)	
		“Sua família lhe apoiar... seus pais, seus irmãos. (...) O negócio é do meu pai e dos meus irmãos... e a gente está conseguindo colocar tecnologia, novas ideias.” (Patrícia Medici)	
		“Vai um pouco de cada. Porque se o incentivo não vem de dentro, não tem como florescer. (...) O seu ambiente... a sua residência... é o seu conforto. (...) Mas quando as pessoas dentro de casa falam ‘por que uma área masculina?’... então isso já sobe a outro nível.” (Rachel Carson)	
		“Incentivo familiar é muito importante... sair no mundo sem incentivo é muito assustador.” (Marie Curie)	
		“A base familiar auxilia muito... essa independência para você pensar um pouco mais e conseguir resolver problemas.” (Dorothy Hodgkin)	
	Apoio institucional e organizacional	“A Uni Feijão Verde nasceu dentro do CNA Jovem... algumas coisas já começaram a rodar, como o Encontro do Feijão Verde.” (Nísia Trindade)	8/12
		“O CNA Jovem foi algo que me motivou bastante a não sair da área. Foi onde conheci colegas que estão comigo até hoje... me ajudou a pensar em outras formas de continuar no agro.” (Ada Lovelace)	
		“Nossa área é um mercado que talvez não seja tão visualizado, então a gente consegue sim fazer nome. (...) Se você se colocar no mercado, buscar conhecimento, você consegue se destacar. (...) Hoje a gente vê e faz a diferença a presença feminina. A mulher tem um olhar mais sensível, mais firme... lida melhor com pessoas na gestão.” (Elinor Ostrom)	
		“O concurso do município de Solonópole foi minha virada de chave... foi esse ingresso institucional que me manteve na área.” (Vandana Shiva)	
	“Quando veio o CNA Jovem... foi uma grande porta pra mim, porque eu dizia que não sabia se queria atuar na minha profissão. O CNA Jovem me abriria várias oportunidades e eu não iria deixar de estar no agro.” (Rachel Carson)		

	<p>“O apoio da empresa contribuiu muito. A gente cresceu junto. Trouxe oportunidades de conhecer outros lugares. (...) As alternativas públicas — Senar, Ministério — são muito importantes para desenvolver profissionais.” (Marie Curie)</p> <p>“A empresa que eu atuo se posiciona de maneira positiva e crescente dentro do mercado. (...) Uma boa gestão das organizações é o principal incentivo para mim.” (Dorothy Hodgkin)</p> <p>“A empresa se posicionou e resolveu a situação de assédio. Se não tivesse colocado, não teria se resolvido.” (Carolina Bori)</p>	
Apoio de pares, colegas e outras mulheres	<p>“Eu tive pessoas ao meu lado... inclusive uma que está comigo até hoje, presidente do meu sindicato. Eu digo muito que ele é o meu pai do agro. (...) Ele me incentivou muito, me apoiou muito. Ele dizia: ‘Eu sei que você tem capacidade’. (...) Quando eu estava pensando em sair... ele dizia: ‘Por aqui não deu certo, mas a gente vai tentar por ali’.” (Vandana Shiva)</p> <p>“Grupos de mulheres... comissões de mulheres... podem estar participando e fortalecendo suas ideias, suas vontades... para que elas não deem um passo para trás.” (Rachel Carson)</p> <p>“Eu encontrei outras mulheres que me incentivaram, me influenciaram sobre como ser líder, como fazer gestão.” (Marie Curie)</p>	3/12
Retorno econômico	<p>“O incentivo financeiro... claro que todo mundo quer viver bem. Hoje eu acredito que vou conseguir mais do que na farmácia.” (Patrícia Medici)</p> <p>“Eu acho que é uma mistura de tudo. É o familiar, é o financeiro, é a paixão em si, é a vontade de mudar...” (Berta Cáceres)</p> <p>“O dinheiro importa muito... a gente tem contas para pagar. O apoio financeiro ajuda muito.” (Dorothy Hodgkin)</p> <p>“O que me fez querer voltar e continuar foi mesmo a questão financeira. (...) Atualmente eu creio que o que ainda me segura mesmo seja a parte financeira.” (Carolina Bori)</p>	4/12

**APÊNDICE H – QUADRO DA CATEGORIA PERSPECTIVAS DE FUTURO DAS
JOVENS MULHERES NO AGRONEGÓCIO**

Categoria	Código	Citação (trecho original)	Recorrência
Perspectivas de Futuro	Crescimento profissional	“Quero muito continuar, porque eu tô gostando muito. Realmente, eu quero sair da parte de gestão comercial, que hoje é o forte, é o que sustenta, e quero ir mesmo pra parte técnica... de estar dentro da parte técnica mesmo. De estar atuando na parte técnica. Tanto no meu empreendimento, como também ajudando outros.” (Bertha Lutz)	8/12
		“Eu quero continuar nessa parte de gestão... é um desafio para mim. (...) Acredito que essa parte de medo, dificuldades, a gente tem que enfrentar. (...) Então acredito que continuar na nossa parte de gestão.” (Elinor Ostrom)	
		“Eu me imagino na fazenda... cuidando dos animais e trabalhando no laticínio. Melhorando... agregando mais tecnologias... levando nosso queijo para outros estados. O pensamento voltado pro agro.” (Patrícia Medici)	
		“Com certeza, imagino um grupão de mulheres sucessoras, cada vez mais sucedendo, com confiança. (...) Atuando também como advogada, trazendo conhecimento e informações para os produtores, e dentro da propriedade.” (Berta Cáceres)	
		“Uma grande produtora. (...) A gente tem terra, água... o clima favorece. Então realmente é mais persistir e acreditar. Eu tenho que dizer que é uma grande produtora aí, maravilhosa.” (Rachel Carson)	
		“Eu ainda me vejo bastante trabalhando com consultoria. (...) Vejo no futuro a ampliação do setor... não atuar só com certificação orgânica, mas com outros temas de consultoria. Também é um sonho no futuro fazer internacionalização... ter clientes fora do Brasil.” (Dorothy Hodgkin)	
		“Eu me imagino ainda dentro do agro... não sei se ainda nessa parte da consultoria, mas eu gosto muito desse contato direto com o produtor. (...) A parte social me segura mais... estar ali disponível para eles.” (Carolina Bori)	
		“Mesmo que eu vá para matemática... eu não quero sair 100% do agro. Quero ter um bracinho ali ainda no agro, de alguma forma.” (Nísia Trindade)	
Empreendedorismo		“Eu quero ser produtora... quero ter uma propriedade autossustentável. Quero mostrar que dá certo trabalhar de forma sustentável. Acho que tentaria conciliar produção e liderança. Quanto mais, melhor... e eu consigo dar conta.” (Ada Lovelace)	2/12
		“A gente sempre comentava: empresa de consultoria. (...) Eu acredito mais no sentido de empresa de consultoria... é muito melhor ser empresa do que ter CPF vinculado à associação. Acho que seria por esse caminho.” (Wangari)	

		Maathai)	
	Liderança sindical	“Com certeza, hoje eu almejo um papel de liderança. (...) Uma Secretaria de Agricultura, um Sindicato. (...) Quero mobilizar mais pessoas, assim como eu tive oportunidade. Quero ajudar outras pessoas, como eu fui ajudada.” (Vandana Shiva)	1/12
	Redirecionamento profissional	“Eu penso muito em ir pra área acadêmica. Seguir mestrado, doutorado, e voltar para ser docente. (...) Também penso em ter algo meu... uma área própria de produção... trabalhar com projetos para cooperativas e associações.” (Marie Curie)	1/12